

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

PAMELLA RIBEIRO DAVIS

A PANDEMIA NO BRASIL DE JAIR BOLSONARO:
sentidos e discursos na cobertura do jornal francês *Le Monde*

Mariana - MG

2021

PAMELLA RIBEIRO DAVIS

**A PANDEMIA NO BRASIL DE JAIR BOLSONARO:
sentidos e discursos na cobertura do jornal francês *Le Monde***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como pré-requisito para obtenção de grau de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: *Prof^a Dr^a Hila Rodrigues*

Mariana - MG

2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

D261p Davis, Pamella Ribeiro.

A pandemia no Brasil de Jair Bolsonaro [manuscrito]: sentidos e discursos na cobertura do jornal francês Le Monde. / Pamella Ribeiro Davis. - 2022.

59 f.: il.: color., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Hila Rodrigues.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Análise do discurso. 2. Bolsonaro, Jair, 1955-. 3. COVID-19 (Doença) - Brasil. I. Rodrigues, Hila. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 81'42

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Pamella Ribeiro Davis

A pandemia no Brasil de Jair Bolsonaro: sentidos e discursos na cobertura do jornal francês Le Monde

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 24 de junho de 2022

Membros da banca

Profª Drª Hila Rodrigues - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profª Drª Denise Figueiredo Barros do Prado - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Hila Rodrigues, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 28/06/2022



Documento assinado eletronicamente por **Hila Bernardete Silva Rodrigues, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 28/06/2022, às 15:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0353251** e o código CRC **5D88A05A**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu avô, Sebastião Marçal Rosa, meu grande incentivador, patrocinador e, acima de tudo, a pessoa que sempre acreditou em mim, nos meus sonhos, e que me proporcionou mais oportunidades do que eu podia pedir. Obrigada por ser essa pessoa sábia, divertida, e muito, muito inteligente.

À minha mãe, minha melhor amiga, e a pessoa que sempre esteve junto a mim e me apoiou em todas as minhas aventuras, e também a pessoa que sempre esteve lá para fazer todas as minhas mudanças. Foi você que estava lá quando eu precisava recomeçar.

Ao meu pai e minha irmã, assim como toda minha família, que sempre estiveram presentes e interessados em meus projetos e minhas ambições, e que contribuíram com tudo o que podiam para a realização de mais um sonho, que é este de concluir a minha graduação.

À minha orientadora Hila Rodrigues, que me deu todo o direcionamento, o suporte e a companhia durante o percurso cheio de turbulências que foi a escrita desse trabalho. Obrigada por ser tão compreensiva e por ter me ajudado até o final!

Ao meu namorado, Hubert Pineau, que provavelmente precisará do Google Tradutor para ler este trabalho, mas que, apesar da outra língua nativa, fez toda a diferença no meu processo de escrita, você é a pessoa que me deu todo o apoio emocional que eu precisava para passar por esse momento.

À minha melhor amiga, Maria Júlia Delgado, que é a pessoa sem a qual eu não escreveria nem a primeira página desta pesquisa. Obrigada por ser minha maior fã, minha pessoa, meu porto seguro e incentivadora.

Às minhas amigas do jornalismo, Maria Luísa Andrade e Bárbara. Sem vocês eu não teria como enfrentar os desafios nesses quatro anos de curso. Obrigada por tornarem meus dias e as aulas sempre mais interessantes e divertidas.

À minha amiga de infância, Anna Leão, uma comunicadora incrível que sempre me aconselhou, e uma grande inspiração para mim.

À Universidade Federal de Ouro Preto e seus professores, pela qualidade de ensino, e por todos os ensinamentos.

E por último, mas o mais importante, a Deus, que me iluminou e me deu forças todos os dias para percorrer esse caminho.

RESUMO

O presente estudo analisa os discursos e sentidos produzidos pelo jornal francês impresso *Le Monde* a partir de eventos específicos observados durante a pandemia do coronavírus no Brasil durante o governo de Jair Bolsonaro. São examinadas, nesta pesquisa, os conteúdos elaborados pelo jornal sobre as decisões e ações do governo brasileiro em meio à crise sanitária que atingiu o mundo e matou milhares de pessoas. Para isso, foram selecionadas e analisadas algumas das notícias publicadas pelo jornal francês no período de 26 de fevereiro de 2020 a 23 de fevereiro de 2021. São estudados, ainda, o posicionamento ideológico do jornal e a influência da linha editorial adotada na construção dos discursos, a partir dos sentidos produzidos. O método, a análise do discurso de Michel Pechêux, permite melhor compreensão do posicionamento ideológico que influencia a estrutura das notícias publicadas, e revela a força dos posicionamentos políticos a partir de certas estratégias discursivas.

Palavras-chave: *Le Monde*; Jair Bolsonaro; Coronavírus; Brasil; Análise do Discurso.

RÉSUMÉ

L'étude ici présente analyse les discours et les significations produits par le journal français *Le Monde*, version imprimée, à partir d'événements spécifiques observés pendant la pandémie du coronavirus au Brésil sous le gouvernement de Jair Bolsonaro. Cette recherche examine les contenus rédigés par le journal, concernant les décisions et les actions du gouvernement brésilien durant la crise sanitaire qui a frappé le monde entier et qui a tué des milliers de personnes. Pour cela, des nouvelles publiées par le journal français dans la période du 26 février 2020 au 23 février 2021 ont été sélectionnées et analysées. Une étude a également été réalisée sur le positionnement idéologique du journal et l'influence de la ligne éditoriale adoptée dans la construction des discours, en fonction des significations produites. La méthode, l'analyse du discours de Michel Pechêux, permet de mieux comprendre le positionnement idéologique qu'influence la structure de l'actualité publiée, et révèle la force des positions politiques à partir de certaines stratégies discursives.

Mots-clés : Le Monde ; Jair Bolsonaro ; Coronavirus; Brésil; Analyse du discours

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do jornal Le Monde	14
Figura 2 - Notícia dia 29.03.2020	40
Figura 3 - Notícia dia 18.04.2020	43
Figura 4 - Notícia dia 25.04.2020	45
Figura 5 – Notícia dia 27.04.2020.....	47
Figura 6 - Notícia dia 19.05.2020	49
Figura 7- Notícia dia 09.07.2020	51

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Quadro Analítico em francês	58
------------------------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1- PANORAMA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL	13
1.1- O jornalismo como construtor de realidades singulares	15
1.2 – O papel do jornalismo em meio a pandemia do coronavírus.....	16
1.3 – A interferência dos interesses privados na construção da Linha Editorial	17
1.4 – Linha Editorial: Perpetuador de ideologias nas coberturas midiáticas	18
1.5 – Jornalismo e democracia: compromisso com o público	20
2 - A INFLUÊNCIA POLÍTICA NOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO FRANCESES...	22
2.1 – Breve história do jornal francês Le Monde	23
2.2 – A cobertura jornalística do jornal Le Monde sobre Brasil.....	26
3.3- Le Monde, governo Bolsonaro e a pandemia.....	29
3- O DISCURSO DO LE MONDE NA ERA BOLSONARO.....	32
3.1 - Sujeito: enunciação, ideologia e história	35
3.2 – Análise de Discurso Francesa aplicada ao jornal Le Monde	37
3.3 – Análise discursiva no Le Monde	39
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma análise dos discursos e sentidos produzidos pelo jornal francês impresso *Le Monde* a partir dos fatos que marcaram o combate à pandemia do coronavírus no Brasil durante o governo de Jair Bolsonaro. Assim, diz respeito, principalmente, às notícias que o jornal publicou sobre as políticas públicas de controle e prevenção à doença no país, assim como às decisões políticas tomadas pelas autoridades públicas brasileiras durante esse processo. Para isso, foram selecionadas e analisadas seis notícias publicadas pelo *Le Monde* sobre esses temas nas edições que compreendem o período de 26 de fevereiro de 2020, com a confirmação do primeiro caso da doença no Brasil, até o período de 23 de fevereiro de 2021 quando a primeira vacina recebe o registro da Anvisa (Pfizer/BioNTech). Na coleta, o critério foi selecionar notícias que tinham em seu enunciado a palavra Bolsonaro, ou Brasil. A ideia é examinar o posicionamento ideológico do jornal e a influência da linha editorial adotada na construção dos discursos, a partir dos sentidos produzidos. Além disso, essa pesquisa busca compreender de que forma esse posicionamento ideológico influenciou a estrutura das notícias publicadas, de forma a discutir e refletir sobre as escolhas da redação no que refere não apenas à escolha de certos vocábulos, mas também de alguns arranjos textuais que operam a construção do texto.

A relevância desta pesquisa, assim, está justamente nesse esforço de compreensão da maneira singular como o jornal francês – um periódico de grande alcance global – se dedicou à interpretação de certos fatos, utilizando-se de estratégias discursivas muito específicas para fazer críticas explícitas ao presidente JB e à sua gestão. O jornalismo francófono é conhecido no mundo por demonstrar opiniões originais, mas, no caso contemplado por essa pesquisa, fica evidente, por exemplo, que a crise diplomática instaurada entre os dois países em 2019 também contribuiu em larga medida para o caráter vigilante e acusatório dos discursos produzidos pelo *Le Monde* no período analisado.

Nesse sentido, é importante saber como esses interesses políticos e ideológicos, que surgiram a partir do histórico da crise entre as duas nações e que reverberam até os dias de hoje, influenciam a forma como são escritas as notícias, visto que elas são um importante meio de veiculação da informação acerca dos acontecimentos sociais. A pesquisa se configura, desta forma, como uma contribuição para os estudos de Jornalismo – e também da Comunicação, uma vez que busca entender os fenômenos que interferem e produzem sentido no interior dos processos comunicacionais no âmbito da imprensa, mas também das esferas governamentais.

Autores clássicos como Nilson Lage e Nelson Traquina foram acionados para permitir maior aprofundamento de conceitos e abordagens clássicas. Mas pesquisadores como Patrícia Paixão, que se dedicou a importantes estudos sobre a gênese e as contradições do jornalismo brasileiro e seus perfis editoriais, também foi leitura essencial para a discussão das nuances da Linha Editorial dos jornais. Na França, o pesquisador Philippe Juhem, e, no Brasil, Matías Martínez Molina, também foram fundamentais para o trabalho de contextualização histórica do *Le Monde*. Outras duas importantes contribuições são de Nouchi e Moraes, que abriram caminho para as reflexões sobre a cobertura do *Le Monde* no Brasil.

O caminho metodológico foi trabalhado a partir de duas estudiosas principais: Helena Brandão e Eni Orlandi, que trouxeram ferramentas importantes da Análise do Discurso de Michel Pêcheux. Com a ajuda delas, foi possível examinar com mais precisão as *formações ideológicas, as formações discursivas, as condições de produção e as sequências enunciativas* presentes nas edições examinadas. Também foi possível perceber melhor as estratégias discursivas a partir da escolha dos *vocábulos e arranjos operadores* – termo utilizado neste trabalho para nomear o conjunto de palavras que operam certos sentidos e representações nas notícias analisadas. A ideia é investigar esses mecanismos discursivos presentes nas páginas do jornal com o intuito de identificar os valores trabalhados pelos jornalistas ao utilizarem certas palavras e expressões. A partir do *corpus* selecionado, foram examinadas, em cada edição, a *manchete, a legenda para as imagens descritas, os vocábulos e arranjos operadores e o contexto*, elementos que vão correlacionar os artifícios utilizados no processo de significação da ideologia propagada.

O segundo capítulo apresenta a contextualização da pesquisa, que passa pela chegada do coronavírus no Brasil, as decisões governamentais tomadas por diferentes países para a erradicação e prevenção da doença, assim como um panorama geral de como a pandemia foi tratada de maneira negligente no Brasil, sob a gestão de Jair Bolsonaro. Neste capítulo, é possível entender de que forma as ações do presidente atraíram o olhar dos jornais internacionais e fomentaram uma cobertura crítica da pandemia no país, principalmente por parte do jornal *Le Monde*.

Os tópicos subsequentes mostram de que forma o jornalismo configura-se como um construtor de realidades, evidenciando os diferentes pilares que o entornam e como a sociedade em que ele se insere, o seu público, os interesses privados, a linha editorial etc, influenciam a forma como as notícias são estruturadas e apresentadas. No terceiro capítulo é trabalhada a

história do jornal *Le Monde*, bem como a sua configuração atual, com destaque para sua construção editorial – e, sobretudo, para as influências políticas e ideológicas que a orientam. Ainda nesse capítulo, é possível verificar como é realizada a cobertura do jornal *Le Monde* no Brasil, com destaque para as temáticas que norteiam as pautas. Nesse ponto, discute-se a relevância do Brasil no âmbito internacional a partir da maneira como as notícias são escritas. O capítulo permite que se observe detalhes reveladores da relação estabelecida entre o governo Bolsonaro e o *Le Monde* no cenário pandêmico. O quarto capítulo apresenta a análise das edições, permitindo que se compreenda melhor o discurso utilizado pelo periódico francês quando a pauta é o Brasil do presidente Bolsonaro.

1- PANORAMA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL

O Conavírus, tipo de vírus causador da doença respiratória Covid-19, em inglês *Coronavírus Disease*, ou síndrome respiratória aguda grave do Coronavírus 2 (Sars-Cov-2), surgiu na China no final do ano de 2019 (por isso o número “19”, ano em que a OMS detectou os primeiros surgimentos da doença). É altamente contagioso e, por esse motivo, propagou-se rapidamente entre todos os países. Em 11 de março de 2020, a OMS (Organização Mundial da Saúde) classificou a crise sanitária como pandemia devido à forte resistência do vírus. Assim, decretou alerta de calamidade pública e urgência (TAVARES; OLIVEIRA; MAGALHÃES, 2020)

Embora no Brasil a primeira ocorrência confirmada tenha sido em 26 fevereiro de 2020, no estado de São Paulo, a pandemia do coronavírus gerou perdas decorrentes dos óbitos e sequelas variadas em quem contraiu a doença – não somente a nível nacional, mas a nível mundial e, em consequência desses desdobramentos, as primeiras medidas de controle e prevenção da pandemia começaram a ser tomadas no mundo inteiro. No entanto, apesar da mobilização internacional para tentar reduzir os riscos de contaminação e morte, as ações governamentais brasileiras adquiriram um caráter duvidoso, uma vez que seus dirigentes não corroboraram para a aplicação de medidas eficazes para administrar a problemática no país.

Exemplo dessa má gestão foi a exoneração do ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta e a posterior demissão do segundo ministro, o médico oncologista e empresário Nelson Teich, em 16 de abril de 2020. Além disso, as declarações do presidente Jair Bolsonaro em relação à pandemia geraram grande repercussão e mobilização no exterior, principalmente na França, país que realizou uma cobertura jornalística crítica acerca desses fatos. Um dos casos mais comentados se deu na ocasião em que o Brasil ultrapassou a China em número de mortes (5 de maio de 2020), quando o presidente declarou: “*E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Sou Messias, mas não faço milagre*”. Essa e outras falas evidenciaram a negligência do governo para com a pandemia, como já apontaram alguns analistas e estudiosos, como Tavares, Oliveira e Magalhães (2020): “Em pronunciamento oficial, veiculado no dia 24 de março, o presidente afirmou: “(...) pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria acometido, quando muito, de uma gripezinha ou resfriadinho” (p.8)

A má gestão, assim como os discursos de caráter duvidoso do presidente da República, foram motivos para notícias e críticas no âmbito nacional, mas também no âmbito internacional. Foi o que ocorreu em países como Espanha, Portugal, Inglaterra e França. Neste último foram publicadas reportagens, charges e editoriais bastante polêmicos, que também repercutiram no Brasil – fator que inspirou esta pesquisa. Um exemplo é a edição a seguir, que exhibe, como uma das manchetes de primeira página, o título “Brasil: Bolsonaro ignora a catástrofe”.

Figura 1 - Capa do jornal Le Monde



Fonte: Jornal G1.com

Essas publicações do Le Monde é que inspiraram esse estudo, que, como já mencionado, baseia-se na análise de algumas das notícias produzidas pelo jornal francês no período já mencionado – entre fevereiro de 2020 a fevereiro de 2021 –, cujas abordagens são o combate à pandemia do coronavírus no Brasil, com ênfase nas políticas públicas e nas decisões governamentais tomadas pelo país no âmbito federal. Significa olhar com atenção, por

exemplo, para o uso de certas qualificações e metáforas como motores de produção de sentido, visto que esses elementos, entre tantos outros presentes no jornalismo, influenciam a percepção do acontecimento apresentado ao público por meio da notícia.

1.1- O jornalismo como construtor de realidades singulares

Nilson Lage (2014) aponta que o jornalismo é, dentre outras definições, uma atividade de natureza técnica que tem um compromisso peculiar com a ética. Para ele, cabe ao jornalismo o compromisso de ser verdadeiro quanto aos fatos, fiel quanto às ideias de quem transmite e de quem interpreta, e, ainda, um dever de militância no que diz respeito às causas consideradas “nobres”.

Por ser, de acordo com o autor, uma prática social que decorre da evolução da sociedade, o jornalismo carrega consigo conflitos derivantes de diferentes interações. Lage (2014) afirma que, enquanto na concepção dos advogados o compromisso estabelecido é com a lei, para os jornalistas esse compromisso é estabelecido com pessoas – e pessoas que têm reações imprevisíveis. Além disso, o jornalismo é um negócio e, nesse sentido, as empresas de comunicação, sempre que percebem qualquer ameaça à sua estrutura de poder, são capazes, por exemplo, de resguardar certas informações e valorizar outras. De qualquer maneira, o duplo comprometimento de jornalistas e empresas com a fonte e com o público certamente é fator desafiador nas redações.

Essas implicações fazem com que, no jornalismo, realidades sejam construídas de maneira muitas vezes singular, variando de acordo com diferentes perspectivas. Na concepção de Lage, são realidades relatadas por meio de enunciados que, por si só, são muitas vezes complexos em seus significados e em sua estrutura:

(...) todo enunciado carrega associações semânticas e emotivas que diferenciam segurança de capanga, ditador de líder, indivíduo generoso de perdulário etc.; ao reproduzir sem crítica discurso iníquo, o jornalista estaria também sendo iníquo (apenas se o fizesse com um discurso virtuoso, seria igualmente virtuoso) (LAGE, 2014, p.22)

Trata-se de uma discussão que envolve, assim, a intenção do narrador – e, portanto, os conflitos de interesse e os graus de ideologização que revestem a cobertura jornalística, tão suscetível a fatores como o ambiente político, o contexto em que se dão certos acontecimentos

e o público ao qual o veículo ou editoria se destina. Em cenários marcados por tragédias – caso da pandemia de Covid-19 – pensar o papel da imprensa parece, então, um imperativo.

1.2 – O papel do jornalismo em meio a pandemia do coronavírus

O jornalismo é uma das formas por meio das quais o sujeito pode compartilhar posicionamentos ideológicos através de textos, imagens, sons, vídeos, por meio de coleta de dados, apuração e escuta. Nesse processo de produção, relações são ativadas a fim de articular o processamento da informação e a sua recepção pelo grande público – algo interessante de se observar, por exemplo, no campo político. A informação política passa a ganhar destaque nos jornais do mundo em especial a partir do século XX. Isso leva à criação de editorias e colunas que, na prática, geravam pautas para outros setores do jornal, como, por exemplo, os de saúde e de economia, entre outros (SANTOS; SANTOS, 2012).

Em 2019, com a pandemia do coronavírus, o nível de circulação de notícias sobre esse assunto cresceu exponencialmente, incumbindo o jornalismo de buscar dados, informar e oferecer esclarecimentos sobre a onda de Covid-19. Para Rafiza Varão e Fernanda Vasquez Ferreira (2020), o jornalismo, em meio à pandemia, assumiu o papel central de proporcionar o debate sobre os acontecimentos de interesse público em meio à crise política, cuidando para tornar possível “a divulgação de notícias acertadas sobre a pandemia”, e fazendo chegar à sociedade “uma visão mais próxima da realidade que vivemos” (VARÃO; FERREIRA, 2020, p.373)

No Brasil, em especial, a falta de uma gestão adequada do presidente da República no que diz respeito ao controle da disseminação do vírus, agregada ao incentivo do governo à propagação de *fake-news*, dificultaram o gerenciamento da crise no país e exigiu, do jornalismo, ações bastante pontuais para assegurar às pessoas o acesso a informações corretas – caso, por exemplo, do consórcio de veículos de comunicação para coleta e divulgação dos números da pandemia¹. Segundo Varão e Ferreira, pesquisas de opinião realizadas nesse período por institutos como o Datafolha e Eldeman, revelaram que, durante a pandemia do coronavírus, os veículos tradicionais funcionaram como as instancias maiores de confiabilidade.

Nessa interação entre saúde e *fake-news*, o vértice da política, (e conseqüentemente o da propaganda), tem invadido a comunicação acerca da covid-19, e tem reclamado o

¹ O consórcio foi formado pelos seguintes veículos: UOL, G1, jornal Folha de S. Paulo, jornal O Estado de S. Paulo, e pelos jornais O Globo e Extra.

protagonismo da atividade jornalística como contradiscurso da credibilidade e da idoneidade frente a desinformação e a infodemia (VARÃO; FERREIRA, 2020, p.391)

Nesse sentido, entende-se que o jornalismo tem cumprido papel fundamental em certos contextos – e, em especial, durante a crise sanitária –, ainda que permeado por posicionamentos ideológicos e interesses econômicos já conhecidos.

1.3 – A interferência dos interesses privados na construção da Linha Editorial

Outro aspecto importante a ser abordado neste capítulo – considerando as reflexões propostas por este trabalho – diz respeito à maneira como a ideologia está presente dentro dos veículos de comunicação. Para compreender melhor esse aspecto, é necessário estar atento à linha editorial e à política editorial dos veículos. Trabalharemos, assim, com o conceito de *linha editorial* apresentado pela autora Patrícia Paixão no artigo *Linha editorial no jornalismo brasileiro: conceito, gênese e contradições entre a teoria e a prática*.

Segundo Paixão, as terminologias *linha editorial* e *política editorial* podem divergir entre si. A autora recorre a Beltrão para discutir um conceito de política editorial ditado pela opinião do editor (orientada pela ideologia da empresa onde ele se encontra), ou seja, pela ideologia daquele veículo, que se destina a um público que compartilha das mesmas formas de conceber o mundo. Para Beltrão, alguns fatores, em especial, atuam para a conformação de uma dada política editorial, e são eles:

as convicções filosóficas do grupo; as informações e relações que envolvem o tema proposto; as sondagens e pesquisas realizadas na área de circulação e influência do veículo; a experiência jornalística dos chefes de redação, algumas vezes mesmo reunidos em conselhos editoriais; e, finalmente, os interesses econômicos da empresa (BELTRÃO *apud* PAIXÃO, 2018, p.93).

Já em relação à *linha editorial*, Patrícia Paixão (2018) explica que a terminologia está ligada a certa visão seletiva que resulta na forma como cada assunto é abordado (se de maneira mais conservadora ou progressista, por exemplo). Nesse sentido, a linha editorial se reflete também nas pautas, ou seja, naquilo que é publicado ou naquilo que não é valorizado como notícia. Alguns assuntos são privilegiados, outros são omitidos. O mesmo ocorre com certos personagens, certas fontes. Paixão também lembra o sociólogo francês Érik Neveu, para quem

a linha editorial será sempre definida pelo diretor da redação, e sempre sob influência do grupo de acionistas do jornal.

Em todo o mundo, e também no Brasil, a política e o jornalismo mantêm laços estreitos. Nos primórdios do surgimento do jornal, este era voltado para atender aos interesses da corte, publicando as informações da Coroa para um público seletivo. Como assinala a pesquisadora Adélia Barroso Fernandes (2011), com o passar do tempo, e com o surgimento da burguesia, sobretudo, os jornais se dedicaram à construção de conteúdos voltados para a formação de uma opinião pública hegemônica, que refletia o pensamento das classes sociais detentoras de maior poder e maior renda. A escolha por conteúdos prioritariamente opinativos não se dava por mero acaso, como acentua a autora:

Nessa época, os jornais eram opinativos e partidários, pois representavam os grupos sociais muito claramente. Mesmo com o aperfeiçoamento das democracias na Europa e EUA, os jornais mantiveram-se, até quase a segunda metade do século XX, essencialmente opinativos. Só recentemente, depois da Segunda Guerra Mundial, o jornalismo tornou-se uma atividade mais independente de patrocinadores idealistas e buscou uma abrangência de massa, vendendo seus exemplares a um maior número de pessoas. (FERNANDES, 2011, p.31)

Paixão (2018) recorre, ainda, a Nilson Lage, desta vez para destacar a maneira como o Brasil se inspirou no modelo norte-americano de produção jornalística. A ideia de uma linha editorial, por exemplo, ganhou concretude com o primeiro manual de redação – criado por Carlos Lacerda, no jornal *Tribuna da Imprensa*. Como observa a autora, foi a partir desse tipo de iniciativa que os manuais de redação publicados no Brasil passaram a expressar claramente os princípios da linha editorial de cada veículo. Cada veículo, por sua vez, orienta-se pelos modos de ver o mundo do público que quer atingir. Afinal, como observa Fernandes, “os leitores (...) buscam as notícias também de forma estratégica, para agirem no mundo” (2011, p.34). Segundo ela, o *Le Monde*, por exemplo, dirige-se ao público mais à esquerda e aos intelectuais” (p.40). Essa linha editorial e os atravessamentos ideológicos que marcam o jornal francês são elementos tão caros à reflexão aqui proposta.

1.4 – Linha Editorial: Perpetuador de ideologias nas coberturas midiáticas

Como já mencionado nesse estudo, a linha editorial sofre influências políticas e econômicas que resultam dos interesses privados dentro dos veículos de comunicação. No dia

a dia, é a linha editorial que perpetua os posicionamentos desses veículos a partir dos temas e conteúdos que eles “abraçam” para propor certas discussões. Segundo os pesquisadores Francisco Paulo Marques e Camila Mont’Alverne (2015), não é raro que a pauta do repórter, em si, não seja uma escolha feita propriamente pelo jornalista, mas sim, o resultado da influência da linha editorial já estabelecida pelos jornais em conformidade com seus interesses.

Em cada periódico impresso (e também nos noticiário da mídia eletrônica e online), o editorial de cada veículo é o lugar onde esses interesses – que orientam posicionamentos ideológicos, sobretudo – estão colocados. No texto de um editorial, o jornal tem a possibilidade de explicitar seus posicionamentos, criando um elo de cumplicidade com o seu público. No caso do jornal *Le Monde*, esse posicionamento é de centro-esquerda. Através do editorial, o jornal vai guiar os leitores rumo aos posicionamentos ideológicos que norteiam as coberturas. Em geral, isso é feito, segundo Marques e Mont’Alverne, de forma aberta. É preciso que o texto permita ao veículo deixar clara a sua posição em relação a cada acontecimento que decide noticiar. Nesse sentido, os editoriais ecoam a opinião das empresas, como observam os autores:

Assim, os editoriais, pela característica de serem porta-vozes da opinião da empresa, têm um peso diferenciado na publicação. [...] O editorial, além de oferecer opinião, é um agente da voz e do conteúdo do jornal. Mais que produzir opiniões, ele representa o conteúdo total do periódico; ele coloca em domínio público assuntos, eventos e ideias para consumo e discussão em um fórum democrático (HALLOCK apud MARQUES; MONT’ALVERNE, 2015, p.128).

Desta forma, consegue-se perceber que os editoriais tomam a posição do veículo de forma a argumentar com o público. É uma forma de levar o leitor a se alinhar com a posição enunciativa que o jornal defende. A problemática dessa questão é que o leitor, na maioria dos casos, não alcança em que medida a linha editorial pauta as notícias veiculadas – e que os editoriais difundem uma posição político-ideológica que orienta a cobertura midiática estabelecida pelas empresas jornalísticas. Na concepção de Marques e Mont’Alverne, o leitor, em geral, não sabe como se orientar, e muito menos que está sendo orientado. Mas a escolha de certas fontes e de certos acontecimentos diz muito da real legitimidade dos jornais:

A legitimidade da qual dispõe o campo do Jornalismo se evidencia não apenas quando se confere autoridade a determinadas fontes, mas também durante o processo de seleção do que será alvo de cobertura e a partir de quais parâmetros. Os temas abordados pelos editoriais indicam o que a publicação acredita ser o assunto de maior relevância naquele dia – e um estudo dos temas discutidos pode esclarecer quais questões o jornal acredita serem as de maior destaque. (MARQUES; MONT’ALVERNE, 2015, p.132).

Essa legitimidade, no entanto, deve vir acompanhada de liberdade. Na França, segundo os autores, esse é um aspecto valorizado tanto pelas empresas jornalísticas quanto pelo público que recebe as notícias. Essa postura estaria estreitamente ligada a uma percepção aguda da importância da imprensa para os regimes democráticos, da mesma forma como a democracia é essencial ao exercício do jornalismo.

1.5 – Jornalismo e democracia: compromisso com o público

Nelson Traquina (2005) afirma que é impossível desassociar a democracia do jornalismo, visto que o direito à informação se articula diretamente com o exercício da liberdade por meio do jornalismo. Nesse sentido, a repressão e a censura caracterizam grave ruptura, revelando uma sociedade democrática em crise. Ele chega a dizer que uma democracia sem imprensa é impensável, da mesma forma como o jornalismo sem liberdade de expressão é uma farsa: “o jornalismo em um sistema totalitário, seja nas suas formas seculares, como por exemplo, o fascismo, seja numa forma religiosa, como, por exemplo, o ex-regime dos Taleban no Afeganistão, é fácil de definir: o jornalismo seria propaganda a serviço do poder instaurado” (TRAQUINA, 2005, p.23).

A relação simbiótica estabelecida entre jornalismo e democracia é vista por Soares (2009) como um cânone liberal baseado no jornalismo da perspectiva do *Watch dog* (Cão de guarda), e o jornalismo como uma representação pública (o “quarto poder”, expressão originária do triplice formação de governo que, na Inglaterra do século XVIII, foi representada pelas Igrejas, os Lordes e os Comuns, até a sua configuração atual, representada pelos poderes do Executivo, do Legislativo e Judiciário). O quarto poder, nessa perspectiva, traz a ideia da presença do público como participante das decisões políticas através dos jornais – que, na concepção de alguns autores, são tomados, por esse público, como se fossem porta-vozes.

A imprensa não é determinada senão pelos seus leitores, de modo que, num sistema de mercado, procura dar ao leitor o que ele quer, assegurando que os jornais reflitam as visões e valores dos seus compradores. O consumidor figura, nessa abordagem, como o controlador final da imprensa, transformando os jornais em representantes do público, mais do que os interesses políticos organizados. (SOARES, 2009, p.110).

Nessa visão romantizada, autores do século XX, como Albuquerque (1999), chegaram a considerar o jornalismo como um “poder moderador” – o que atribui função política ao jornalismo, pois este se articulava ao poder Executivo, interferindo diretamente nas tomadas de decisão no âmbito dos governos em defesa da democracia e da ordem pública. Outra visão

romantizada é a do jornalismo que *defende* a população frente a eventuais desvios de conduta governamental, escândalos, injustiças etc.

Contudo, é preciso pensar o jornalismo como atividade capaz de fazer ecoar pontos de vistas divergentes, principalmente no campo político. Sob essa perspectiva, o jornalismo pode se configurar como um instrumento capaz de contribuir para que cidadão comum possa expressar suas opiniões e angústias. Significa tomar os profissionais do jornalismo como personagens ativos na construção dos cenários que refletem diferentes realidades.

2 - A INFLUÊNCIA POLÍTICA NOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO FRANCESES

Na década de 70, a produção da informação na França era bastante influenciada pelas lutas políticas, e segmentadas de acordo com as lógicas partidárias. Nessa época, a produção dos conteúdos veiculados concentrava-se especialmente nas redações reconhecidas como ambientes da “esquerda” – a “imprensa de oposição”, segundo o pesquisador Philippe Juhem (2001, p.187), representada pelos jornais *Le Monde*, *Le Nouvel observateur*, *Le Canard enchaîné*, *Libération*, *L’Humanité* e, depois de 1977, o *Le Martin de Paris*. Já as redações mais orientadas por forças de direita (ou “imprensa favorável”, segundo o autor) eram representadas pelos jornais *Le Figaro*, *L’Aurore*, *France- Soir*, *Le Point* et *L’Express*. (JUHEM, idem)

Entre 1958 e 1981, os presidentes dos canais de televisão, assim como os jornalistas responsáveis pela produção de notícias, eram nomeados pelo governo – que, assim, exercia influência efetiva sobre os conteúdos informativos difundidos. Esse cenário favorecia a divulgação de informações e análises antagônicas, como observa Juhem: “Essa dicotomia política rege um sistema de posições contraditórias assumidas entre a imprensa da oposição e a imprensa favorável à maioria, que se diferenciam tanto na seleção e descrição dos “fatos” quanto na orientação dos comentários editoriais.”²(JUHEM, 2001, p.187).

Como explica o autor, a delimitação constante das fronteiras entre “esquerda” e “direita”, além de incentivar rivalidades entre os partidos eleitorais, tornou difícil, para os jornais, definir uma linha editorial equilibrada em relação aos posicionamentos políticos. Ademais, o envolvimento das redações dentro das lutas políticas contribuiu para a associação de muitos jornalistas a certa ética partidária, visto que os dirigentes das redações, os editores, redatores e a maior parte dos contratados estavam sujeitos a serem promovidos ou rebaixados dentro da esfera do trabalho, conforme sua afinidade (maior ou menor) com a linha política do jornal. Recorrendo a estudos de outros pesquisadores acerca desse cenário, Juhem registra, por exemplo, que esse fenômeno ocorreu de maneira expressiva nas redações de pensamento mais progressista:

L.Pinto chama de “censura da esquerda” a dificuldade de um jornalista de esquerda – entendido como aquele que dispunha de fortes recursos jornalísticos e políticos – de aparecer abertamente favorável a um homem ou às ideias identificadas como sendo de outro campo político: o debate ideológico muitas vezes assume

² No original: Cette dichotomie politique régit un système de prises de positions contradictoires entre la presse d'opposition et la presse favorable à la majorité, qui diffèrent aussi bien par la sélection et la description des « faits » que par l'orientation des commentaires éditoriaux.

forma, imposto pela censura da esquerda e do julgamento psicológico sobre a pessoa (JUHEM, 2001, p.191.).

Entretanto, Juhem também observa que a contratação (e manutenção) de jornalistas orientada pela linha política de cada jornal não foi o único processo que imprimiu, antes de 1981, o caráter partidário da produção jornalística na França. A identificação de uma não adesão política à linha partidária estabelecida – seja em artigos, colunas ou notícias – era capaz de gerar conflitos entre todos os segmentos envolvidos com a produção jornalística. A adesão política, portanto, decorre de variadas concepções e ideologias presentes, como ressalta Juhem:

A conformidade política dos produtos jornalísticos é, portanto, o efeito conjunto das convicções partidárias dos editores, da lógica profissional prática de minimizar as tensões entre o jornalista, a equipe editorial e o corpo político e das restrições comerciais vinculadas às preferências políticas de o leitor.³(JUHEM, 2001, p.193)

Entre 1981 e 1985, o *Le Monde* vê suas vendas caírem de 430 mil para 335 mil exemplares por dia, ao mesmo tempo em que *Le Matin de Paris* perde um terço dos ganhos com sua distribuição. Entre os jornais classificados como “de esquerda”, somente o *Libération* – que estava rompendo com a sua imagem de jornal popular e se aproximando de um conteúdo redacional parecido com o de *Le Monde* e *Matin de Paris* – ganhou mais leitores que perdeu. Essa evolução afetou dezenas de milhares de leitores e, em alguns meses, *Le Monde* e *Le Matin de Paris* constataram perda e suas respectivas rentabilidades (JUHEM, 2001, p.196).

A despeito de perdas e ganhos, contudo, essa referência política é, até os dias de hoje, uma das marcas da imprensa francesa em seu modo de fazer jornalismo.

2.1 – Breve história do jornal francês *Le Monde*

A história de *Le Monde*, sucessor de *Le Temps*⁴, começa a partir de sua primeira publicação, em 18 de dezembro de 1944. Idealizado pelo primeiro-ministro Charles de Gaulle

³ La conformité politique des produits journalistiques est donc l'effet conjoint des convictions partisans des rédacteurs, des logiques professionnelles pratiques de minimisation des tensions entre le journaliste, la rédaction et le personnel politique et des contraintes commerciales liées aux préférences politiques du lectorat. Philippe, 2001

⁴ Le Temps foi, durante muito tempo, um jornal de referência para os franceses. Foi assim até a Segunda Guerra, embora tivesse baixa circulação. O jornal era bastante oficioso, já que era pautado pelo Ministério das Relações Exteriores. Além disso, era sabido que, em alguma medida, também era controlado por alguns setores empresariais. Pouco antes guerra, a opinião de parte

– e dirigido por Hubert Beuve-Méry, ex-correspondente internacional do *Le Temps*, em Praga –, o jornal foi implementado pouco antes do fim da Segunda Guerra Mundial, tendo como inspiração jornais como o *The Times*, de Londres. Naquela ocasião, a ideia era criar um jornal de grande circulação, voltado para leitores que não fossem exclusivamente franceses.

Inicialmente, *Le Monde* era financiado por empresas siderúrgicas – e, por isso, possuía um editorial considerado típico do “liberalismo burguês e republicano francês”, segundo Maíra Soares (2010). A autora sinaliza que o periódico deveria atuar como um instrumento de consciência nacional que conserva a sua liberdade política interna. Para manter esses preceitos, o jornal priorizou a independência financeira dessas empresas a partir da concentração do capital em pequenos grupos de acionistas, entre eles o próprio diretor. Também para assegurar a subsistência da companhia, foram utilizados os ativos do antigo *Le Temps*, para a quitação das possíveis dívidas.

Essa concentração do capital era destinada a evitar que o jornal viesse a se corromper em razão de interesses de grupos empresariais. No entanto, enquanto a credibilidade do jornal perante o público aumentava, diminuía os salários pagos aos jornalistas contratados. Como explica Soares (2010), o lema do jornal – centrado na ideia de que o compromisso era dizer a verdade “custe o que custar” – referia-se justamente à aos baixos vencimentos pagos aos profissionais. Quando completou um ano de publicação, o jornal produzido em Paris passou a circular em outras províncias, como jornal vespertino.

Apesar da popularidade conquistada nos primeiros anos, *Le Monde* viu sua reputação mudar em 1951, a partir do pedido de demissão de Beuve-Méry e da saída de diversos jornalistas e acionistas do jornal, devido, principalmente, a uma crise decorrente de conflitos envolvendo o posicionamento do periódico (ora considerado mais neutro, ora menos neutro) em relação à Guerra Fria (MOLINA, 2014). A mudança na equipe gerou grande reivindicação por parte dos leitores – que queriam a volta do diretor – e uma perda significativa para o jornal. Beuve-Méry reassumiu o cargo após uma reorganização na estrutura hierárquica da empresa. Passou-se a conceder ao diretor e aos empregados o controle sobre a redação, incluindo o direito de indicação de nova diretoria, caso necessário. Mas, ainda naqueles anos, o jornal enfrentou nova polêmica ao se posicionar contra os interesses do governo francês durante os conflitos da

das autoridades francesas era a de que o periódico havia aguardado tempo demais para deixar de circular depois da invasão alemã. De ponto de vista político, era inviável que fosse reeditado. Assim, por vontade do general Charles de Gaulle, *Le Monde* ocupou esse lugar (MOLINA, 2014).

Indochina e da Argélia. *Le Monde* foi obrigado a enfrentar uma campanha paga para atingir a sua credibilidade, como assinala Soares:

Ainda na década de 50, o jornal adotou uma posição anticolonialista durante as guerras da Indochina e da Argélia. A opção desagradou o governo francês e fez com que alguns segmentos mais conservadores do país se organizassem para neutralizar o jornal em função de sua cobertura. Foi oferecido dinheiro ao diretor para que fosse moderada a abordagem da questão argelina e, como o montante não foi aceito, jornais concorrentes passaram a ser financiados para tentar enfraquecer o *Le Monde* em termos de credibilidade e influência na sociedade francesa. A iniciativa não teve êxito (SOARES, 2010, p.56).

Já na década de 60, Beuve-Méry é substituído pelo jornalista Jacques Fauvet, que possuía uma tendência progressista – o que levou a uma mudança significativa da linha editorial, que passou a apoiar movimentos como a Revolução Cultural da China, a censura do Partido Comunista em Portugal e iniciativas como “Khmer Vermelho”, que gerou muitas críticas por parte dos franceses. Soares (2010) acredita que esse ato, associado à nova configuração do jornal – que atraiu apoios políticos diferentes – resultou na demissão de Fauvet. A direção foi, então, assumida por André Laurens em 1982.

Com baixa circulação e credibilidade comprometida, a empresa se viu imersa em dívidas que não paravam de se acumular. Apesar das estratégias de Laurens para salvar a redação, a crise financeira foi instalada. Em 1994 assume o jornalista Jean-Marie Colombani, após duas outras direções fracassadas, que resultaram na venda do prédio *Le Monde* e no aumento do déficit da empresa. Colombani foi, no entanto, uma figura importante para algumas mudanças marcantes em *Le Monde*, que adquiriu um aspecto mais leve, ampliando os espaços destinados a fotografias e reportagens exclusivas, como assinala Soares:

Em 1994, o jornalista Jean-Marie Colombani assumiu a direção e decidiu implementar mudanças drásticas. Para começar, transformou a empresa em uma sociedade anônima, arrecadou recursos e trouxe novos sócios. Em 1995 e 2002, relançou e modificou o aspecto do jornal. As páginas, antes totalmente austeras e cheias de texto, passaram a ser mais leves, incluindo fotografias. Mudou também a prioridade do jornal. A informação explicativa, analítica e contextualizada foi cedendo espaço ao furo de reportagem e ao jornalismo investigativo (SOARES, 2010, p.58) .

Conhecido por sua escrita chamativa – fundada em grandes manchetes, com letras garrafais –, *Le Monde* tornou-se um modelo referência de jornal popular, o que ajudou no aumento das vendas e na expansão da circulação, proporcionando um período momentâneo de estabilidade. No entanto, essa saúde financeira, ainda segundo Soares (2010), não durou por muito tempo. Um projeto que envolveu 62 milhões de euros, visando à transformação do jornal em um grupo de comunicação a partir da compra de novas publicações, fracassou.

Na tentativa de escapar da falência, a empresa optou pela criação de uma estrutura de financiamento parecida com a de outros jornais europeus, como o El País. O periódico espanhol, a exemplo de outras empresas da área de comunicação na região, apostava na formação de sociedades compostas por acionistas. Apesar das crises que marcaram a última década, caracterizada por períodos longos de déficits financeiros, movimentos grevistas de jornalistas e acionistas (como o do ano de 2009), a alta concorrência diante do surgimento de novos jornais – com novas tecnologias –, *Le Monde* conseguiu superar os problemas mais agudos e enquadrar-se como um dos jornais de maior circulação nacional e internacional. Hoje, posiciona-se como um veículo de comunicação credível, com grande poder de influência em diferentes partes do mundo.

2.2 – A cobertura jornalística do jornal *Le Monde* sobre Brasil

Conforme já mencionado, o acontecimento pode ser noticiado sob diferentes perspectivas que vão diferenciar-se entre si em relação ao enquadramento e em relação às influências da linha editorial estabelecida, ao público contemplado e até mesmo à localidade, seja em nível nacional ou internacional. Nesse sentido, é necessário entender quais fatores influenciam e respaldam a cobertura do jornal *Le Monde* – um jornal francês, com editorial alinhado ao regime defendido pelas forças de esquerda – em relação aos acontecimentos ocorridos no Brasil a partir da eleição de Jair Bolsonaro. Começaremos esse exame recorrendo à entrevista realizada pela pesquisadora Érica Morais (2018) com Franck Nouchi, *médiatèu*⁵ do jornal *Le Monde*. Segundo ela, a parcela do público leitor do jornal *Le Monde* interessada em temas relacionados ao Brasil é constituída por brasileiros e franceses – mas especialmente por brasileiros residentes na França, assim como pelos franceses residentes no Brasil.

Nessa entrevista, o *médiatèu* explica à Érica que o interesse de cobrir o Brasil dá-se, primeiramente, em função da escolha do jornal por apresentar e cobrir fatos não somente nacionais, mas, sobretudo, internacionais – daí o nome “*Le Monde*” (“O mundo”). Em segundo lugar, diz ele, interessa ao jornal a cobertura dos eventos ocorridos no Brasil devido à relevância do país no cenário mundial, do ponto de vista da geopolítica. Para acompanhar os

⁵ *Mediatèu* é um cargo que se aproxima ao *ombudsman*, ou seja, um responsável pela “mediação” com leitores do jornal e pela (auto)avaliação crítica do veículo (NOUCHI, apud MORAIS, 2018, p.201)

acontecimentos e coletar dados, o *Le Monde* recorre principalmente a agências como a *Reuters* e a *France Press*, além de contar com o trabalho dos correspondentes internacionais:

Consideramos que o Brasil ocupa um espaço preponderante na América do Sul. Há sempre uma relação particular entre a França e o Brasil. Os franceses são muito interessados, por diversas razões, sobre tudo que se passa no Brasil. Há interesse pelos países que são emergentes, o Brasil faz parte do BRICS... faz-se questão de eleger a cobertura do Brasil. Quando é necessária a decisão de fechar um escritório para abrir outro, considera-se que o Brasil é um país importante para ter um correspondente (NOUCHI *apud* MORAIS, 2018, p. 201).

Para além disso, a entrevista evidencia que o Brasil é importante para a cobertura no *Le Monde* especialmente no que diz respeito aos personagens políticos do país. Citando algumas figuras como o ex-presidente Lula e o ex-craque do futebol Pelé, o entrevistado conta que determinados sujeitos são, por si só, de interesse do público – e por isso acabam sendo frequentemente o centro de interesses dos artigos. Outros personagens, segundo o entrevistado, precisam ser vinculados ao nome do país para que todos tenham melhor noção de sua relevância de maneira imediata. Como exemplo, ele cita a ex-presidente Dilma Rousseff: “Se dizemos Dilma, devemos dizer *Brasil*. Se dizemos Temer, devemos dizer *Brasil*. Há vários leitores que conhecem, sabem de quem se trata, mas outros não, sobretudo na Internet” (NOUCHI *apud* MORAIS, 2018, p.203).

O trabalho também traz informações mais precisas sobre o perfil do leitor brasileiro do *Le Monde*. A autora explica, por exemplo, que uma matéria publicada pelo jornal sobre o ex-deputado Eduardo Cunha ⁶ – durante o período do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff – revelou um segmento curioso nessa fatia de leitores. Nouchi acredita que há, nesse grupo, o que chamou de “cegueira política” com tendências reativas e, às vezes, violenta. O entrevistado identifica, nesse segmento, pessoas adeptas ao pensamento das forças de direita no Brasil – que, segundo ele, seriam muito bem instruídas, mas que não “suportam” alguns comentários realizados pelo jornal, classificando-o como um “jornal esquerdista”. Nouchi conta que recebeu muitas mensagens com reações diversas ao tema e isso, na sua avaliação, demonstra como pode ser delicado cobrir assuntos brasileiros:

Tive a confirmação de que nossa maneira de cobrir o Brasil tem importância para certas pessoas – não digo para todo mundo, mas para certas pessoas. Há interesse pelo que *Le Monde* pensa sobre o Brasil. Sei disso porque recebi dezenas de cartas e *e-mails* de pessoas reagindo ao tema. E tudo isso mostra que é muito difícil a cobertura do Brasil. É preciso ser muito prudente e, ao mesmo tempo, muito presente. O desafio

⁶ Eduardo Cunha, ex-presidente da Câmara dos Deputados, que autorizou a abertura do processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff em 17 de abril de 2016.

que temos – e vamos continuar, evidentemente – é assegurar a cobertura. (NOUCHI *apud* MORAIS, 2018, p.202)

Por ser um jornal engajado e que exprime uma posição – “a posição do *Le Monde*” –, os correspondentes internacionais podem, se assim desejarem, realizar abordagens de cunho mais analítico e menos informativo. É esse o caso de algumas das notícias à respeito do Brasil. Morais (2018) mostra que a jornalista responsável pela cobertura dos acontecimentos referentes ao país, Claire Gatinois, uma especialista em economia, reserva-se o direito de comentar os fatos que divulga do ponto de vista econômico, mas também os efeitos políticos daquilo que relata, sempre orientada pela linha editorial do jornal.

A pesquisadora demonstra, também, que, diferentemente do processo de produção ainda observado na maioria das redações brasileiras, na França a escolha do título, subtítulo e a linha fina é feita pelo próprio jornalista – ainda que mudanças possam ser feitas pelos demais profissionais envolvidos (editor, subeditor, redator chefe etc.). Já os elementos referentes às matérias de capa são determinados pelo redator-chefe. Nesse ponto, a pesquisadora explica que o *Le Monde* trabalha com três tipos específicos de abordagem: informativa, analítica e aquela especialmente reservada a espaços voltados para debates e comentários (algo parecido com o que se observa nos espaços ocupados pelos colunistas e articulistas nos jornais brasileiros). Na sessão denominada “*Débats & Analyses*”, os textos são escritos por especialistas do Brasil, e não necessariamente vinculados ao jornal. Há também profissionais de outras nacionalidades e o objetivo é “dar voz a pontos de vista que são, às vezes, contraditórios, (...) artigos que trazem o ponto de vista do poder brasileiro e, outras vezes, de articulistas que são muito críticos ao Brasil” (NOUCHI *apud* MORAIS, 2018, p.203).

No que se refere à produção das pautas, há algumas singularidades. A pesquisadora deixa claro, por exemplo, que assuntos voltados para o público francês, mas que se passam no Brasil, são, em geral, considerados temas relevantes. É o caso de matérias sobre formas interessantes de investir ou estruturar (ou incrementar) empresas e negócios em solo brasileiro. Outro exemplo são as matérias sobre problemas climáticos – que afetam o mundo, mas que, muitas vezes, guardam relação direta com algo específico que ocorre no Brasil. A seca é o exemplo utilizado por Morais:

Há uma seca no Brasil. Vamos tratá-la de duas maneiras. Primeiro, isso se passa no Brasil, um país importante, de grande população etc. Mas é o exemplo da gravidade do que está se passando e pode ser que decidamos fazer esse artigo porque o pessoal da editoria de Ciências nos disse que é científico e há um estudo sobre o Brasil e, a

partir disso, vamos construir algo sobre a seca no Brasil, tomada como um exemplo de consequência catastrófica do aquecimento global (MORAIS, 2018, p.207)

Foi sob esse aspecto que a pandemia de Covid-19 no Brasil ganhou importância. Primeiro, há uma questão mundial colocada em pauta. Em segundo lugar, há uma questão específica que diz respeito à maneira falha como o Brasil lidou com a crise sanitária. Sob esse prisma, há que se considerar, ainda, a figura do presidente Jair Bolsonaro, que chama a atenção do público leitor no seu trato com a pandemia. O *Le Monde* faz sua própria interpretação em relação aos dilemas brasileiros, como destaca a pesquisadora:

Temos a nossa própria leitura da atualidade, nossa própria maneira de hierarquizar a atualidade. Claro que não dizemos tudo da mesma maneira que um jornal de São Paulo ou outro jornal brasileiro. Fazemos da nossa maneira. É um jornal francês, portanto, com uma maneira francesa de ler a atualidade, mas de audiência internacional (MORAIS, 2018, p.207).

Em especial durante a pandemia, a realidade brasileira, na percepção *do Le Monde*, passou a ser marcada pelo negacionismo, por atos irresponsáveis na esfera governamental e por uma tendência temerária ao autoritarismo (por parte do presidente Jair Bolsonaro), como se verá na próxima seção.

3.3- *Le Monde*, governo Bolsonaro e a pandemia

As decisões tomadas pelo presidente Jair Bolsonaro em relação à pandemia provocada pelo coronavírus acarretaram graves problemas no Brasil – no setor de saúde, mas também na política e na economia –, contribuindo para a configuração do atual cenário caótico em que o país se encontra nos dias de hoje. O fato de ter, desde o início, minimizado constantemente a gravidade da doença no país – muitas vezes comparando-a com uma simples gripe – contribuiu, no *Le Monde*, para a perpetuação de sua imagem como um chefe de estado inconsequente.

O editorial publicado no dia 18 de maio de 2020 nos ajuda a constatar algumas características presentes na figura de Jair Bolsonaro, na concepção do jornal francês. No texto, palavras como *negligente* e *negacionista*, corroboram para a solidificação da imagem de personalidade negativa e irresponsável do presidente da república. Segundo a análise desse editorial, realizada pelo site G1, a frase “Não há dúvida de que há algo podre no reino do Brasil, onde o presidente Jair Bolsonaro pode afirmar, sem se preocupar, que o coronavírus é uma

'gripezinha' ou uma 'histeria' nascida da 'imaginação' da imprensa”. O trecho dá início a uma série de críticas e denúncias do jornal dirigidas a Bolsonaro. Segue o texto do G1:

“*Le Monde*” opina que há “algo de podre” no país quando: Bolsonaro participa de aglomerações e clama as autoridades locais a abandonar as restrições impostas para contenção da expansão da pandemia em um momento em que “os cemitérios do país registram um número recorde de enterros”; O ministro de Relações Exteriores, Ernesto Araújo, se refere ao novo coronavírus como “comunavírus”, ao afirmar que a pandemia é resultado de “um complô comunista”; O ministro da saúde Nelson Teich deixa o cargo quatro semanas após sua nomeação por “divergências de pontos de vista”, no dia em que o país chegou a 240 mil casos confirmados e mais de 16 mil mortos (G1, 2020, *online*)

Ao dizer que “há algo de podre no reino do Brasil”, o editorial do *Le Monde*, que imprime um tom crítico ao governo brasileiro, recorre a uma frase de Shakespeare em Hamlet: “Há algo podre no reino da Dinamarca”. Na obra clássica, a frase é um alerta feito ao personagem Hamlet, de forma que ele pudesse perceber a situação de perigo em que se encontrava em função dos desmandos naquele reino. Emerge, portanto, como um alerta aos brasileiros e ao mundo para uma situação temerária iminente. A construção dessa imagem negativa do presidente dá-se também em outras partes do texto. Outro exemplo está no seguinte trecho: “Depois de ter praticado a negação histórica do Holocausto, elogiado a ditadura, negado a existência dos incêndios na Amazônia e a gravidade da pandemia de Covid-19, Bolsonaro e sua tentação autoritária correm o risco de levar o país a uma situação perigosa” (G1, 2020, *online*)

É possível, assim, observar, por parte do jornal francês, uma escolha de certos vocábulos e estratégias discursivas para falar das posturas adotadas por Jair Bolsonaro durante a pandemia do coronavírus. Essa imagem negativa será difundida também nas próximas edições. Se fizermos uma comparação com a imagem trabalhada pelo jornal em relação ao ex-presidente Lula – recorrendo, por exemplo, a uma entrevista concedida em 22 março de 2021 ao jornal *Le Monde* (e veiculada pela revista Focus, da Fundação Perseu Abramo) –, podemos verificar uma diferença expressiva. Lula aparece de maneira bastante positiva e é tratado de maneira quase afetuosa. Sua inocência em relação às acusações que enfrentou ganhou destaque. Para se ter uma ideia, um dos trechos, ao se referir a ele, diz: “O cabelo ficou branco, a barba também. Mas a energia extraordinária ainda está lá. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, 75, concedeu

ao *Le Monde* uma entrevista, por videoconferência, dez dias após a anulação de suas condenações” (BOUCIER & MEYERFELD, 2021, p.10).

Esse tipo de abordagem está relacionada às Formações Discursivas presentes no jornal *Le Monde* em relação ao presidente Jair Bolsonaro, que serão trabalhadas no capítulo seguinte, quando será possível observar detalhadamente, ao longo do ano de 2020, à análise das edições do jornal impresso dos dias 29 de março, 18, 24 e 25 de abril; 19 de maio e 9 de julho, período em que foi publicado, nas capas de jornais, notícias com as palavras “Jair Bolsonaro” ou “Brasil”.

3- O DISCURSO DO *LE MONDE* NA ERA BOLSONARO

A perspectiva que trata *discurso* como um fio condutor que perpassa o nível linguístico e o extralinguístico tem raízes nas noções epistemológicas de Pêcheux, que buscava articular Ciências Sociais, Linguística e Psicanálise (GARCIA, 2003). Denominada Análise de Discurso Francesa (AD), ela surge na década de 60, quando o estudioso Michel Pêcheux passou a examinar a forma como o discurso produz sentidos. Por isso essa abordagem é interessante à proposta deste trabalho, pois a ideia é analisar certas notícias do jornal *Le Monde* a partir de múltiplas possibilidades advindas das interpelações sociológicas, históricas e ideológicas que as perpassam.

Orlandi (1999) explica que a Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade, quanto “o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (ORLANDI, 1999, p.15). O discurso também pode ser entendido como um conjunto de enunciados inseridos em uma dada Formação Discursiva. As Formações Discursivas (FD) são as materializações do enunciado através de uma linguagem propriamente dita, de uma determinada ideologia. É por meio das FDs que podemos identificar o que o sujeito pode ou deve dizer, assim como o que não se pode dizer a partir de um determinado contexto –, lugar de articulação entre a língua e o discurso. Logo, um mesmo enunciado pode significar coisas distintas, já que pode estar inserido em formações discursivas diferentes, ou seja, dentro de um posicionamento específico manifestado e materializado através de uma determinada FD. O discurso se orienta, assim, pelas composições ideológicas, como observa Brandão.

Constituindo o discurso um dos aspectos materiais de ideologia, pode-se afirmar que o discursivo é uma espécie pertencente ao gênero ideológico. Em outros termos, a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas (BRANDÃO, 2004,p.47)

Orlandi (1999) explica que o analista do discurso – para compreender como o seu objeto vai produzir um sentido (e que sentido é esse) – precisa entender que essas formações ideológicas (FI), que são as ideias, precisam ser, em um primeiro momento, materializadas (através das FDs). Num segundo momento, devem ser agrupadas de acordo com regras e regularidades de um enunciado pertencente a uma formação discursiva x:

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Deste modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. (ORLANDI, 1999, p.43)

Em uma notícia de jornal, por exemplo, como é o caso do objeto de estudo desta pesquisa, podemos identificar qual é a ideologia posta e de que forma ela vai se materializar no discurso observando o enunciado – pois ele pode refletir pelo menos duas formações discursivas distintas (FD_x e FD_y). Um exemplo dado pela autora é o uso da palavra *terra*: “Terra não significa o mesmo para um índio, para um agricultor sem-terra e para um grande proprietário rural. Ela significa diferente se escrevemos com letra maiúscula, Terra, ou com minúscula, terra etc. Todos esses usos se dão em condições de produção diferentes e podem ser referidos a diferentes formações discursivas.” (ORLANDI, 1999, p.44,45). Nessa mesma perspectiva, Brandão observa que a formação discursiva não constitui uma linguagem singular para todas as pessoas:

É a FD que permite dar conta do fato de que sujeitos falantes, situados numa determinada conjuntura histórica, possam concordar ou não sobre o sentido a dar as palavras, "falar diferentemente falando a mesma língua". Isso leva a constatar que uma FD não é "uma única linguagem para todos" ou "para cada um sua linguagem" (BRANDÃO, 2004, p.49)

A AD ocupa-se, portanto, não apenas da língua em si, mas, como já mencionado, dos aspectos ideológicos envolvidos nos enunciados – e como os elementos se articulam para produzir sentido. Há, assim, determinadas categorias teóricas de análise: o discurso, a formação discursiva e ideológica, a paráfrase, a polissemia e as condições de discurso. Nesse processo analítico – em que entender a maneira como cada sentido é produzido é tarefa central – é necessário se ater, ainda, às condições de produção (CP) desses sentidos, e também ao interdiscurso. O produto dos elementos dessa interação é que definirá o sentido.

Orlandi (1999) explica que as condições de produção também incluem o sujeito, a situação e a memória. Aqui, o conceito de *condição de enunciação* está centrado no desenvolvimento do sentido imediato, o aqui e o agora. Mas nas *condições de produção ampla*, as CPs, há uma preocupação em englobar os contextos sócio históricos que interpelam o

discurso. Nesse sentido, o jornal *Le Monde* carrega consigo memórias de uma relação sócio histórica entre a França e o Brasil que, recentemente, viu-se comprometida pela crise diplomática instaurada durante o mandato do presidente Jair Bolsonaro. O mal estar – que se iniciou em 2019, a partir de discussões sobre as queimadas na Amazônia, quando os dois chefes de Estado passaram a trocar acusações pelas redes sociais – agravou-se durante a pandemia. Os dois governos adotaram medidas completamente diferentes no que se refere aos esforços pelo controle da doença. Todos esses elementos e cenários constituem o que Orlandi está chamando de “contexto amplo”:

O contexto amplo é o que traz para a consideração dos efeitos de sentidos elementos que derivam da forma da nossa sociedade, com suas instituições (...), elege representantes, como organiza o poder, distribuindo posições de mando e obediência. E finalmente, entra história, os acontecimentos, que significam na maneira como cores como o negro está relacionado ao fascismo, à direita, e o vermelho ao comunismo, à esquerda, segundo um imaginário que afeta os sujeitos e as suas posições políticas. (ORLANDI, 1999, p.31)

No que diz respeito à memória, a autora lembra que o discurso é língua em movimento, em curso. O interdiscurso é, então, esse movimento do discurso. Nós usamos as palavras dos outros, do social, para produzir algo que é meu, próprio, de acordo com as minhas condições de produção. Quando perguntamos o sentido de uma palavra para uma pessoa de outra geração, ela pode entender de outro modo. Logo, a língua não é nossa, ela se constrói no interior de nossas condições de produção. A memória, como observa Brandão, também se revela aqui um elemento fundamental nesse processo:

É a memória discursiva que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas. E ela que permite, na rede de formulações que constitui o intradiscurso de uma FD, o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados pertencentes a formações discursivas historicamente contíguas. Não se trata, portanto, de uma memória psicológica, mas de uma memória que supõe o enunciado inscrito na história (BRANDÃO, 2004, p.96).

De fato, memórias daquilo que está inscrito em algum lugar do tempo, assim como formulações construídas em contextos muito específicos, são capazes de produzir discursos marcados por expressões ou termos singulares. Um exemplo é o termo “Bolsominion”, designado num passado recente para identificar os apoiadores do governo Bolsonaro. Trata-se de um termo criado principalmente por setores da esquerda, no Brasil, inspirado no filme “Meu

Malvado Favorito”. A palavra une a denominação “Minions” – os pequenos personagens manipulados pelo então vilão Gru, o malvado favorito – com o sobrenome “Bolsonaro”. Esse encontro de palavras permite um jogo semântico revelador da capacidade de Jair Bolsonaro de manipular seus apoiadores – pessoas não raras vezes envolvidas em conflitos de rua, em ataques físicos à imprensa ou a quaisquer opositores, formando grupos reconhecidos por sua agressividade. Dito de outra forma: a palavra “bolsominion” não existe se retirada do seu contexto, visto que foi criada para denominar um grupo dentro de um contexto-histórico específico no governo Bolsonaro. Trata-se de um termo ressignificado, e assim ficará agora na memória discursiva da população brasileira.

Tudo isso demonstra que nós adquirimos e formulamos as nossas ideias através da linguagem (escutamos, lemos, absorvemos discursos variados) e vamos construir novas ideias articulando com todas essas FDs – e cada FD com sua ideologia. Assim é que, quando esses discursos se entrecruzam, produzindo novo sentido, podemos ver o interdiscurso, essa articulação de várias formações discursivas. É esse o produto das palavras e o sentido que elas produzem na memória discursiva.

3.1 - Sujeito: enunciação, ideologia e história

A constituição de sujeitos e sentidos, então, estão vinculados à ideologia, visto que é a ideologia que insere o Homem nas relações sociais de poder e rege a sua condição de vida. Nessa perspectiva, entende-se que o sujeito, assim, delimita a sua enunciação (ou a sua expressão simbólica) de acordo com sequências enunciativas (SE) que façam sentido. Quer dizer que, a fim de estabelecer um discurso que “faça sentido”, o sujeito agrupa e seleciona SEs de acordo com seus saberes, sempre a partir daquilo que “faz ou não sentido” em dada inserção ideológica. Importante lembrar, entretanto, que, se cada formação discursiva reflete uma ideologia, também é certo que, dentro de toda formação social, há ideologias distintas para distintas classes, como observa Dantas:

Cada classe tem sua própria ideologia em uma formação social. E cada uma dessas ideologias tem a sua própria formação discursiva. Desse modo, cada sujeito, ligado que é a uma classe, identifica-se com uma determinada posição de sujeito, comprometida a uma dessas possíveis formações discursivas. Ao mesmo tempo, diz Indursky (1998: 190), o sujeito opõe-se em tensão em relação às demais posições de sujeitos, ligadas a outras das formações discursivas e ideológicas da sociedade (DANTAS, 2012, p. 95).

Nessa perspectiva, é interessante observar, ainda, que palavras, proposições ou expressões manifestadas pelos sujeitos – em diferentes posições – mudam de sentido conforme essas posições. Nas palavras de Brandão, são “posições sustentadas por aqueles que as empregam”, quase sempre em referência “às formações discursivas nas quais essas posições se inscrevem” (BRANDÃO, 2004, p.77), Um exemplo dado pelo autor é o uso de termos como “globalização”, que, na sua concepção, remete ao pensamento liberal de direita, em oposição ao termo “internacionalização”, que remete ao pensamento social de esquerda. Da mesma forma, o emprego de representações como "estrangeiros", "imigrantes", “clandestinos”, “pardos” revelam as crenças em que se baseia o pensamento em foco.

Nessa perspectiva, é importante examinar a cobertura do *Le Monde*, sobre o governo de Jair Bolsonaro, durante o período marcado pela pandemia do coronavírus. Para tal análise, é importante levarmos em consideração, o posicionamento do jornal – assumidamente de esquerda, como anteriormente mencionado –, assim como uma atenção especial aos elementos presentes em cada página do jornal impresso, em cada edição contemplada. Assim, para permitir um exame atento e uma melhor compreensão, foi proposto um quadro analítico, onde é possível elencar pontos essenciais da análise tais como: as manchetes, as legendas (subtítulos das reportagens); os vocábulos e arranjos operadores (necessários para compreender a forma como os fatos são ditos e descritos) e o contexto em que se dá a notícia.

3.2 – Análise de Discurso Francesa aplicada ao jornal *Le Monde*

EDIÇÃO	MANCHETE	LEGENDA	DESCRIÇÃO DA FOTO	VOCÁBULOS E ARRANJOS OPERADORES ⁷	CONTEXTO
29.03.2020	Brasil: O presidente, os militares e o astrólogo	Grandes ministérios, serviços de saúde, pesquisas espaciais...Os militares ocupam postos estratégicos no país, depois de elegerem Bolsonaro em 2018. Mas desde então, sob a tutela de um “guru”, ele se liberta da tutela deles;	Bolsonaro aparece sorrindo abraçado com alunos vestidos com uniformes do Colégio Militar.	Negacionista; capitãozinho Bolsonaro; carreira medíocre; personificação do mau exemplo; bocudo ; sonhos de chegar ao poder; negar a gravidade do coronavírus; ficar amiguinho dos oficiais de alto escalão; membros de uma grande família;.	Mês da chegada dos primeiros casos de coronavírus no Brasil e das primeiras mortes registradas pelo vírus no país. Restrição do governo brasileiro à entrada de estrangeiros; Bolsonaro faz pronunciamento chamando o vírus de “gripezinha” e contesta as medidas de prevenção decretadas pelo Ministério da Saúde, tais como o isolamento social; Cloroquina começa a ser utilizada como tratamento; publicação do guia de manejo de corpos no contexto do novo Coronavírus, que diz que corpos devem ser enterrados e cremados; marca de 140 mortos e pronunciamento do presidente Donald Trump, que critica as medidas do presidente Jair Bolsonaro em relação à pandemia.
18.04.2020	No Brasil, presidente Jair Bolsonaro exonera seu Ministro da Saúde	Luiz Henrique Mandetta defendia as recomendações da OMS. O presidente, não parou de minimizar a pandemia	Sem foto.	Guerra fria; toma banhos de multidão (ficar sobre a multidão); trabalho de equilíbrio; demissão brutal; rejada; estrela das redes sociais; golpe de caneta.	Governo promove o retorno gradual das atividades; número de mortes ultrapassa 1000; Exoneração do Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta e substituição por Nelson Teich.
25.04.2020	No Brasil “Nós estamos no limite da barbaridade”	A epidemia, classificada como “gripinha” por Jair Bolsonaro, se agrava	Pessoas chorando e cavando covas em um terreno.	Mas quem ainda acredita nos números oficiais?; é a caça aos leitões; a corrida dos respiradores; o Brasil está nu; desprezo às regras de saúde; capitão corona; limite da barbáridade.	Número de mortos chegou a ultrapassar 4000.

⁷ Como dito anteriormente, este termo denomina o conjunto de palavras que operam sentidos e representações nas notícias analisadas.

27.04.2020	No Brasil, a demissão de Sérgio Moro fragiliza o poder	As acusações do antigo juiz podem justificar um “impeachment”	Sem foto.	Mergulhou em uma grave crise política; discursos que são confusos para dizer o mínimo; amante decepcionado; luta caótica contra a pandemia; é o início de uma hemorragia?, “Ele é um terremoto”.	Nelson Teich declara saída gradual do isolamento social; Imperial College London afirma em estudo que o Brasil tem maior taxa de contágio do vírus.
19.05.2020	O Brasil cada vez mais desarmado diante do coronavírus	A pandemia, minimizada pelo presidente, matou pelo menos 16 000 pessoas, de acordo com o último relatório	5 médicos vestidos com roupas especiais para proteção do covid (macacão branco, óculos e máscara), em torno de um leito, cujo paciente esta desacordado.	Jogou a toalha; tom voluntariamente apocalíptico; sua indiferença grosseira para com as vítimas; o Brasil está desarmado; práticas obscuras, burocracia sem sentido, ele ameaçou.	Presidente Jair Bolsonaro declara “E aí? Quer que eu faça o que? Sou Messias, mas não faço milagres”; Presidente libera salões de beleza e academias como atividades essenciais; Jair Bolsonaro volta a defender o uso de Cloroquina, contrariando o ministro da Saúde, Nelson Teich; Nelson Teich pede demissão; 29.314 óbitos de covid-19; é aprovado protocolo para utilização de Cloroquina em pacientes com quadro leve.
09.07.2020	O presidente brasileiro contraiu a “gripinha”	Depois de minimizar a gravidade da Covid-19, o presidente pretende manter sua reputação de “mito” viva	Bolsonaro com uma máscara estampada com uma foto dele mesmo.	Ele finalmente termina por contrair ; sua maneira: extravagante, inimitável; nunca deixou de relativizar a pandemia; um messias sobre-humano; seguir o exemplo de um Boris Johnson; transformado em uma cobaia do estado.	Presidente Jair Bolsonaro é diagnosticado com Covid-19; marca de 70 mil mortos de Coronavírus.

3.3 – Análise discursiva no *Le Monde*

Neste capítulo, detalharei todos os elementos presentes no quadro acima, de forma a propor reflexões acerca das ressignificações presentes nas estratégias discursivas do *Le Monde* ao produzir relatos sobre o presidente Jair Bolsonaro e sua gestão de governo no período da crise do coronavírus no Brasil. Assim, será possível observar que os diferentes vocábulos e arranjos constroem, ao longo de todas as edições, uma imagem clara de Jair Bolsonaro e do Brasil no momento atual.

20 | GÉOPOLITIQUE

Le Monde
DIMANCHE 29 - LUNDI 30 MARS 2020

Grands ministères, services de santé, recherche spatiale... les militaires occupent les postes stratégiques du pays après avoir fait élire Jair Bolsonaro en 2018. Mais, depuis lors, le chef de l'Etat, sous l'influence d'un « gourou », s'affranchit de leur tutelle

BRUNO MEYERFELD
RIO DE JANEIRO (BRÉSIL) - correspondant

Nous sommes les cadets du Brésil, au portraill viril !», hurlent à pleins poumons des centaines de futurs officiers brésiliens, sanglés dans leurs uniformes azula, bleu et blanc, à plumez vomillon. Ce samedi 17 août 2019, c'est jour de fête à l'académie militaire des Aiguilles noires : la traditionnelle cérémonie de remise du sabre se déroule en présence du chef de l'Etat, Jair Bolsonaro.

Dans la cour du maréchal Mascarenhas de Moraes (dite cour « P3M »), au pied des sommets de la Serra da Mantiqueira, à 170 kilomètres au nord-ouest de Rio de Janeiro, chaque cadet reçoit une réplique de l'arme portée, il y a plus d'un siècle, par le duc de Caxias, fondateur et saint patron de l'armée brésilienne. « Il n'existe pas d'émotion ou d'honneur plus grand, comme chef des forces armées, que de présider cette cérémonie, lance M. Bolsonaro face aux jeunes gens au garde-à-vous. Comme vous, en 1974, j'ai aussi reçu mon sabre dans ce P3M sacré ».

« La plupart des chefs de l'Etat assistent à cette cérémonie, mais, avec Bolsonaro, forcément, c'était touchant. Il est diplômé d'ici, il a une relation spéciale à cette école. On l'a reçu en ami », se souvient le commandant Dutra, directeur de l'académie des Aiguilles noires, vaste Saint-Cyr brésilien de 67 km² qui, depuis 1944, forme chaque année quelque 400 officiers.

LES MEMBRES D'UNE GRANDE FAMILLE
Le président n'est pas venu seul. Sur l'estrade se tiennent une demi-douzaine de ses ministres : tous militaires, généraux et capitaines, tous « anciens » des Aiguilles noires. Devant les cadets, le président égrène leurs noms, vante leurs qualités. Comme on présenterait les membres d'une grande famille, enfin réunie au sommet de l'Etat.

Depuis la fin de la dictature, en 1985, jamais les militaires n'ont été aussi présents au sein du gouvernement. Au point que les médias du pays évoquent aujourd'hui une « explosion vert olive », couleur des forces armées brésiennes, pour décrire l'axe monumental de Brasília, où se trouvent le palais présidentiel du Planalto et les différents ministères.

Outre le capitaine Bolsonaro et le général Hamilton Mourao, vice-président, les militaires dirigent plusieurs ministères : ceux de la défense, des mines et de l'énergie, des infrastructures, des sciences et communications, du contrôle général des comptes publics (CGU). Ils détiennent aussi les fonctions de chefs de cabinets de la sécurité institutionnelle (GSI), chargé des questions de sécurité et du renseignement et de la Casa Civil, directement subordonnés au président et qui ont rang de ministres.

L'Exército, l'armée, a aussi augmenté sa présence à tous les échelons du pouvoir. Selon la presse, au moins 2500 soldats servent dans les administrations ministérielles, à des postes de conseillers ou de secrétaires. Le ministère de l'environnement, qui employait un militaire avant l'arrivée de l'extrême droite, en compte aujourd'hui



publics, tels les Correlcos (la poste brésilienne), les services hospitaliers, ou l'Institut de recherches spatiales (INPE, chargé de surveiller la déforestation en Amazonie).

« La grande ancre de mon gouvernement, ce sont les forces armées », a assuré Jair Bolsonaro, entouré d'officiers, lors d'un discours au Club naval de Brasília en décembre 2019. En ces temps de coupes budgétaires, le ministère de la défense est privilégié : ses dépenses ont augmenté de 10,9 % en 2019. L'armée est sollicitée en toutes circonstances : pour éteindre les incendies en Amazonie lors de l'opération « Vert Brésil » de l'été 2019 ; pour rétablir l'ordre dans l'Etat nord-est du Ceara, où la criminalité explosait en février ; pour épauler les fonctionnaires de la Sécurité sociale, débordés par l'afflux de demandeurs au début de l'année. Et bien sûr, aujourd'hui, pour lutter contre la pandémie due au coronavirus.

« On assiste à la militarisation de l'Etat brésilien », résume un officier inquiet, ancien de l'état-major, qui requiert l'anonymat et rappelle que « cela a commencé avant Bolsonaro ». Le président Michel Temer (2016-2018) avait déjà appuyé son pouvoir sur les forces armées en confiant pour la première fois le portefeuille de la défense à un général et en augmentant le budget de ce ministère de 21 %. A la fin de son mandat, il avait aussi offert le commandement de la sécurité de Rio de Janeiro aux militaires.

FAIRE « OBSTACLE AU SOCIALISME »
Qui sont ces militaires appelés au front par Jair Bolsonaro, chargés, selon les termes du président, de faire « obstacle au socialisme » ? Parmi les ministres soldats, on trouve toutes les forces (terre, air, mer), tous les grades (général, lieutenant, capitaine, un amiral...), tous les statuts (actifs, réservistes, retraités), issus de toutes les régions (Caribéens, Paulistes, Gauchos du Sud, Mineiros de l'intérieur...) : une véritable « armée mexicaine ».

En réalité, le noyau dur est formé de quelques généraux quatre-étoiles de l'armée de

Brésil Le président, les militaires et l'astrologue

Jair Bolsonaro (promotion 1977). Dans cette « caserne » très sélecte, on trouve, entre autres, le vice-président, Hamilton Mourao, le ministre de la défense, Fernando Azevedo e Silva, le chef de la Casa Civil (équivalent du premier ministre), Walter Souza Braga Netto, ou encore Edison Leal Pujol, le très discret commandant en chef des forces armées.

« C'est une génération très particulière, insiste Maud Chirio, historienne et auteure de La Politique en uniforme. L'expérience brésilienne, 1960-1980 (PUR, 2016). Elle a été formée à l'académie pendant la période la plus dure de la dictature pour combattre les « rouges », mener la guerre contre le communisme.

EN CES TEMPS DE COUPES BUDGÉTAIRES, LE MINISTÈRE DE LA DÉFENSE EST PRIVILÉGIÉ : SES DÉPENSES ONT AUGMENTÉ DE 10,9 % EN 2019

et à la torture. Mais, sorti des Aiguilles noires, le pays se démocratise. Il n'y a plus de guerre, plus personne à réprimer. Ils ont le sentiment d'être arrivés en retard au rendez-vous de l'histoire. D'avoir raté leur « grande guerre ».

Frustrés, ces officiers sont allés chercher la gloire loin du Brésil. En Haïti, précisément. Le Brésil y a commandé, de 2004 à 2012, la Mission des Nations unies pour la stabilisation en Haïti (Mistab), à laquelle ont participé 35 000 de ses soldats. « Ces officiers partis à l'étranger se perçoivent comme une élite, des fouteurs de paix, bien supérieurs aux « politiciens » corrompus et inefficaces. Alors, quand le Brésil s'est envolé dans la crise, certains se

Figura 2 - Notícia dia 29.03.2020

Em 29 de março de 2020, as declarações negacionistas do presidente Jair Bolsonaro alcançaram a imprensa mundial. A primeira manchete do *Jornal Le Monde*, nesse dia, colocou em pauta a relação entre os militares, o escritor, astrólogo e influenciador digital brasileiro Olavo de Carvalho (que viria a falecer em janeiro de 2022) e o presidente. Para evidenciar essa formação discursiva *negacionista*, a manchete mostrou a influência de Carvalho nas tomadas de decisões do governo de Jair Bolsonaro, destacando a crença de várias autoridades no terraplanismo. É o que podemos verificar na SD1 (ANEXO A) : *Olavo de Carvalho, ex-astrólogo que supõe que a terra é plana, é o mestre da ideologia do governo*. Tais aspectos criam a imagem de um governo constituído por crenças arcaicas e não credíveis.

Na legenda, a palavra **tutela** demonstra como Bolsonaro é direcionado e influenciado. “*Tutela*” é um termo que, no dicionário da Língua Portuguesa, significa “Ação de proteger, vigiar ou defender alguém ou algo mais fraco ou frágil.”. No texto do *Le Monde*, o termo é utilizado para indicar que Bolsonaro toma suas decisões induzido por Olavo de Carvalho. A palavra **guru** (escrita com aspas), por sua vez, carrega um sentido correlato. Remete o leitor à ideia de uma pessoa que inspira (ou guia) outras pessoas. Assim, revela também certa irracionalidade dentro do governo, visto que *guru* também remete ao plano espiritual, e a não uma conexão com o real.

Vocábulos como “**carreira medíocre**”, “**personificação do mau exemplo**” – bem como arranjos textuais tais como “**negar a gravidade do coronavírus**” têm, por si só, significados negativos. Mostram a imagem de um sujeito negacionista e vil. Há também no texto construções como “capitãozinho Bolsonaro” – diminutivo utilizado com o intuito de enfraquecer o *status* de poder do presidente – e “sonhos de chegar ao poder”, que faz emergir a ideia de um desejo perseguido, de uma aspiração acalentada. Observa-se, ainda, o termo “**bocudo**”, que suscita a imagem do sujeito que “fala demais”.

Nessa edição, outras construções textuais chamam a atenção, como “ficar amiguinho” (dos militares de alto escalão). A expressão faz emergir uma imagem infantil relacionada à maneira como o presidente da República trabalha as relações institucionais. É uma composição que também infantiliza o governante.

Para além, a SD “**membros de uma grande família**” articula com as outras SDs acima, no que diz respeito à forma como o governo Bolsonaro é feita. Nessa Sequência Discursiva, pode-se observar que os militares membros do governo são colocados nesse lugar de família, muito mais do que considerados no âmbito profissional. Isso se dá pela própria forma como esses militares foram escolhidos para seus cargos, como podemos observar em “*o presidente não veio*

sozinho: nas arquibancadas, uma meia dúzia de seus ministros: todos militares, generais e capitães, todos “antigos” integrantes das Agulhas Negras. Em frente dos cadetes, o presidente proclamava seus nomes, exaltando em seguida suas qualidades, como se se apresenta os membros de uma grande família, enfim reunidos no “topo” do Estado”

6 | CORONAVIRUS

Le Monde
SAMEDI 18 AVRIL 2020

Au Brésil, Jair Bolsonaro limoge son ministre de la santé

Luis Henrique Mandetta défendait les préconisations de l'OMS. Le président, lui, n'a cessé de minimiser la pandémie

RIO DE JANEIRO - correspondant

Un médecin n'abandonne pas son patient», aimait à répéter Luis Henrique Mandetta. Pourtant, ces derniers jours, le départ du très populaire ministre brésilien de la santé était devenu inévitable; jeudi 16 avril au soir, il a officiellement été démis de ses fonctions par le président d'extrême droite, Jair Bolsonaro.

En pleine pandémie, le renvoi d'un ministre de la santé sonne comme un coup de tonnerre, mais n'a surpris personne à Brasília: depuis des semaines, et de début de la crise sanitaire, une véritable «guerre froide» opposait, en effet, le chef de l'Etat, «coronavirusphobe» aussi, à son ministre de la santé. «coronalarmiste» convaincu.

Alors que le virus progresse, et que 1024 Brésiliens sont déjà morts, au 16 avril, des suites du Covid-19, le pays se trouve plongé dans l'incertitude. Avec ses cheveux noirs de jais et son éternel gilet fleurdelysé de la croix bleue du SUS (le système de santé publique), Luis Henrique Mandetta était en effet devenu le visage de la lutte contre le Covid-19 au Brésil.

Star sur les réseaux sociaux

Précis, professionnel, pondéré, il défendait jour après jour le «maximum de distanciation sociale» et les recommandations de l'Organisation mondiale de la santé (OMS), envers et contre son président, qui compare le coronavirus à une «petite grippe», prend des bains de foule, appelle à la reprise économique et, depuis le

Depuis le début de la crise sanitaire, une véritable «guerre froide» opposait le chef de l'Etat à son ministre

12 avril, prétend même que l'épidémie «commence à s'en aller». «Je ne travaille qu'avec la science», rétorquait M. Mandetta, qui était parvenu ces derniers semaines à mobiliser les moyens de l'Etat pour lutter contre l'épidémie: achat de 15 000 respirateurs, commande de 240 millions de masques à la Chine, distribution de 1 million de tests, construction d'hôpitaux de campagne, crédits à la recherche... Fort de son volontarisme, ce médecin orthopédiste de 55 ans, ancien député fédéral conservateur, était devenu une véritable star sur les réseaux sociaux, sa politique soutenue par les politiques de tout bord et plébiscitée par 76 % des Brésiliens, selon l'Institut Datafolha.

Vite, Jair Bolsonaro a pris ombrage de la popularité de son ministre: il «marque d'humilité», déclarait-il récemment, menaçant à plusieurs reprises de le licencier «d'un coup de stylo» ce ministre par trop indépendant. Mais, jusque très récemment, M. Mandetta était protégé car disposant de soutiens de poids: celui des élus, des maires, des gouverneurs locaux mais aussi des ministres les plus influents du gouvernement, tel Sérgio

Moro à la justice, et surtout de l'armée, qui sauva sa tête à plusieurs reprises. Présomptueux, las, visiblement harassé, M. Mandetta a finalement franchi la ligne rouge dimanche 12 avril. «Le Brésilien ne sait pas s'il doit se fier au ministre de la santé ou au président», déclarait alors le ministre dans une interview à la chaîne TV Globo, appelant à une «parole unifiée» au sommet de l'Etat... s'attirant instantanément les foudres des hauts gradés, outrés par cette atteinte par trop visible à la hiérarchie.

Culère de la population

Il n'en fallait pas plus pour décider Jair Bolsonaro à passer à l'acte, et à remercier le fougueux Mandetta. Il n'en fallait pas plus pour décider le chef de la population, des concerts de casseroles éclatant dans plusieurs grandes villes du pays. De son côté, quelques minutes seulement après avoir été renvoyé, l'ancien ministre a donné une ultime conférence de presse à son ministère. «N'ayez pas peur!», a enjoint M. Mandetta, à «ses» fonctionnaires réunis. Emu, des sanglots dans la voix, la main serrant nerveusement une dernière tasse de café, il a longuement remercié un à un chacun de ses collaborateurs, les appelant à la «défense intransigeante de la vie, du SUS et de la science (...). La science est la lumière, c'est ce qui nous illumine, et c'est grâce à elle que nous allons nous en sortir (...). Nous ne sommes qu'au début de la bataille!», a-t-il lancé, dans une adresse au ton souvent prophétique.

«Ce fut vraiment un divorce consensuel», a, de son côté, sèchement commenté le chef de l'Etat, intronisant son nouveau ministre de la santé, Nelson Teich. Cet oncologue de formation, tiré à quatre épingles, est un professionnel de santé reconnu, proche des milieux privés, et surtout un bolsonariste de longue date: il a servi de «conseiller santé» lors de la campagne victorieuse de 2018 et fut un tant pressenti comme ministre de la santé.

L'homme est un fidèle, mais rassure les milieux médicaux: il a défendu par écrit récemment les méthodes de confinement les plus strictes. «Tout ici sera traité de façon absolument technique et scientifique», a assuré le nouveau ministre, peu de temps après sa nomination, rejetant tout changement «brusque ou radical», mais appelant à travailler pour que «la société retourne, de la forme la plus rapide possible, à une vie normale».

Le travail d'équilibriste ne sera pas aisé. Avec ce renvoi brutal, Jair Bolsonaro a perdu lourdement en capital politique. M. Mandetta est en effet membre du parti Démocrates (DEM), une formation-clé, très influente, dont sont issus plusieurs ministres et les présidents des deux Chambres du Parlement. Surtout, la situation sanitaire est alarmante. Dans les grandes métropoles du Sud-Est et dans le vaste Etat d'Amazonas, de nombreux hôpitaux sont déjà quasi saturés, avec des taux d'occupation avoisinant 70 % ou 80 % en soin intensif dans le public, et ce alors même que la «vague» du Covid-19 n'est attendue que pour la fin avril-début mai au Brésil. ■

BROMBYN - correspondance

L'Inde continue de réprimer l'opposition

Deux défenseurs des droits humains et un journaliste indépendant ont été inquiétés

BOMBAY - correspondance

En dépit de la crise sanitaire et humanitaire due au nouveau coronavirus, l'Inde poursuit sa politique de répression à l'égard des opposants au pouvoir en place. Mardi 14 avril, l'universitaire et militant des droits de l'homme Anand Telumbe et le journaliste Gautam Navlakha ont été arrêtés par la National Investigation Agency, l'organe chargé de la lutte antiterroriste dans le pays.

Il est reproché aux deux hommes, placés en garde à vue, le premier à Bombay, le second à Delhi, d'avoir participé le 31 décembre 2017 à Pune, dans l'Etat du Maharashtra, à une réunion au cours de laquelle des violences auraient été fomentées contre le parti au pouvoir, le Bharatiya Janata Party (Parti du peuple indien, BJP), et à un complot ourdi pour assassiner son représentant, le premier ministre Narendra Modi.

Le lendemain se tenait dans le village de Koregaon, à une trentaine de kilomètres de Pune, la traditionnelle commémoration de la bataille de 1818 qui vit une communauté locale de dalits (anciens esclaves) appelés «intouchables» mettre fin à l'Empire marathe qui régnait alors dans la région. En réalité, le 1^{er} janvier 2018, ce sont les dalits qui s'étaient fait attaquer par des militants de l' Hindutva, «la hindouité», idéologie de suprématie de l'hindouisme et des hautes castes, dont le BJP est la vitrine politique.

Anand Telumbe et Gautam Navlakha sont connus pour leur engagement contre le système des castes qui maintient les dalits en marge de la société. Des personnalités renommées demandent «l'intervention urgente» de la Cour suprême pour les délester. Au moment où plusieurs pays dans le

monde entier relâchent des prisonniers menacés par le coronavirus, il est incroyable de voir les autorités indiennes chercher à incarcérer des gens qui n'avaient jamais dû être arrêtés», dénonce Meenakshi Ganguly, directeur Asie du Sud de l'ONG Human Rights Watch. L'écrivaine Arundhati Roy relève que l'interpellation de MM. Telumbe et Navlakha est intervenue le jour même de l'anniversaire de Bhimrao Ambedkar, héros des dalits, père de la Constitution indienne et symbole national de la liberté de penser.

Arrestations en nombre

Cette affaire s'ajoute à des arrestations en nombre survenues ces derniers mois à l'occasion des manifestations massives contre la politique antimusulmans du gouvernement Modi. Mardi toujours, dans une Inde entièrement confinée, le journaliste Siddharth Varadarajan, basé à Delhi, a été convoqué par la police d'Ayodhya, une ville sainte de l'hindouisme située à 700 kilomètres de la capitale.

Cofondateur du site d'information The Wire, cette figure de la presse indépendante est accusé de «mensonge» pour avoir relaté sur son site les arrestations du chef du gouvernement régional de l'Uttar Pradesh, le moine extrême hindou Yogi Adityanath, à maintenir la fête annuelle marquant la naissance de la divinité Ram à Ayodhya, du 25 mars au 2 avril, aux premiers jours du confinement.

Une pétition signée par 3 500 personnes, juristes, enseignants, acteurs, artistes, écrivains, demande l'arrêt immédiat des poursuites à son encontre, considérant que «l'urgence médicale [actuelle] ne doit pas servir de prétexte à l'instauration d'une urgence politique». ■

GUILAUME DELACROIX

Le principal lieu saint orthodoxe de Kiev, foyer de contamination

En Ukraine, l'un des principaux foyers de contamination par le SARS-CoV-2 n'est autre que le lieu le plus sacré pour les orthodoxes du pays, la laure des grottes de Kiev. Ce monastère troglodytique fondé en 1051 compte 93 cas de personnes infectées, soit près d'un cinquième du total des contaminations dans la capitale. Pour l'Ukraine dans son ensemble, ce sont jusqu'à présent 4161 cas qui ont été recensés, mais le manque de tests est criant dans le pays, malgré des livraisons de matériel chinois.

Deux moines sont morts et plusieurs autres ont été hospitalisés. La mairie, elle, a renforcé les mesures d'isolement du lieu. Cela n'a pas empêché un député du parti russe Bloc d'opposition de venir livrer au monastère des cartons de masques, en début de semaine, sans prendre de mesures de précaution particulières. Le 15 avril, ce député, Vadim Novinski, se disait positif au Covid-19, venant renforcer le contingent des députés ukrainiens malades.

Position ambiguë

En mars, alors que le gouvernement ukrainien annonçait la fermeture des écoles, des espaces publics et des transports en commun, le chef du monastère, le métropolite Paul, avait appelé les fidèles à «se précipiter dans les églises», à «avoir peur de rien» et à se donner des «accablés». Ces derniers jours, son discours a fortement évolué. A la télévision, il a qualifié le coronavirus de «peste du XXI^e siècle».

Ces revirements sont d'autant plus scrutés que le sort malheureux de la laure n'est pas exempt d'une tonalité politique. Ce lieu saint et très visité, qui abrite environ 250 moines et de nombreuses reliques, est aussi le siège de l'Eglise orthodoxe ukrainienne loyale au patriarcat de Moscou. Or, celui-ci est souvent considéré comme moins patriote que son

indépendant fin 2018 par Constantinople. Observateurs et journalistes n'ont pas manqué de relever que le patriarcat de Kiev s'était montré dès l'origine plus discipliné que celui de Moscou dans l'application des mesures anticonavirus prises par le gouvernement.

La polémique n'est pas près de s'éteindre, puisque la hiérarchie ukrainienne du patriarcat de Moscou se montre encore réticente à prôner un confinement strict à l'approche de la fête de Pâques, le 19 avril. Dans une vidéo diffusée le 14 avril, le métropolite Onuphre propose à «ceux qui resteront à la maison à cause de la maladie ou pour d'autres raisons» de regarder les célébrations à la télévision.

En clair, la norme n'est pas de rester chez soi. Onuphre précise toutefois que «les croyants qui viendront à l'église se tiendront et prient dans la rue, en respectant toutes les normes sanitaires nécessaires».

Cette position ambiguë a été critiquée par des hiérarques du patriarcat de Kiev, qui, eux, appellent clairement les fidèles à rester chez eux. Elle tient aussi à la prudence du président ukrainien, Volodymyr Zelensky. Soucieux de ne pas se fâcher avec les croyants, celui-ci n'a pas pris de mesure d'interdiction stricte, rappelant seulement que la visite des églises peut avoir une incidence sur l'évolution de la pandémie.

Dans la Russie voisine, la hiérarchie de l'Eglise se montre plus responsable, le métropolite Cyrille ayant clairement appelé les fidèles à ne pas se rendre aux célébrations de Pâques. Les lieux de culte resteront toutefois ouverts et nombre de prêtres, en province, font de la résistance. ■

EN MARS, LE CHEF DU MONASTÈRE AVAIT APPELÉ LES FIDÈLES À « SE PRÉCIPITER DANS LES ÉGLISES »

MOSCOU - correspondant

Vladimir Poutine a annoncé, jeudi 16 avril, le report de la grande parade annuelle du 9-Mai, qui doit célébrer cette année les 75 ans de la victoire soviétique sur l'Allemagne nazie. Le président russe en a fait l'annonce durant une réunion en vidéoconférence de son conseil de sécurité, indiquant que le défilé militaire se tiendrait plus tard cette année. Il a rappelé le caractère «sacré» de cette date, mais estimé que «les risques liés à l'épidémie sont encore extrêmement élevés».

Cette décision était attendue, et même logique, étant donné les conditions sanitaires actuelles. La Russie compte officiellement 27 938 cas de contaminations, mais le rythme d'expansion de l'épidémie ne cesse de croître, avec 3 448 nouveaux cas annoncés jeudi.

La quasi-totalité du pays vit sous le régime du confinement, et à Moscou, la région la plus touchée, la situation est déjà difficile dans les hôpitaux, alors que le pic épidémique n'est pas attendu avant le début du mois de mai. Face à cela, le rappel effectué par le ministère de la défense que ses tanks disposaient de filtres à air préservant les équipages de tous les dangers, y compris du SARS-

le terrain, des associations de vétérans avaient officiellement demandé un report, mercredi.

Celui-ci n'en constitue pas moins un crève-cœur pour le président russe, particulièrement en cette année de 75^e anniversaire. M. Poutine a fait de l'histoire - et parfois de sa réécriture - un pilier de sa politique de puissance, et le principal ciment de l'unité nationale russe. La victoire de l'URSS lors de la «grande guerre patriotique», nom par lequel est désignée la seconde guerre mondiale en Russie, est placée tout en haut de cet édifice.

Conflits mémoriels

Parallèlement, tout regard critique sur l'histoire officielle est réprimé. Le pacte Molotov-Ribbentrop (1939), y compris son protocole secret entérinant le partage de l'Europe orientale entre Hitler et Staline, fait même l'objet d'une réhabilitation au sommet.

Célébrée avec toujours plus de faste, la cérémonie de commémoration sur la place Rouge s'accompagne désormais de défilés civils, baptisés «régiment immortel», lors desquels les Russes marchent avec les portraits de membres de leur famille ayant participé aux hostilités.

Cette année, cette grand-messe patriotique se teintait d'une forte coloration diplomatique. Parmi

(avant le déclenchement de l'épidémie due au nouveau coronavirus), Emmanuel Macron. La présence du président français constituait une «prise» de choix pour Vladimir Poutine, une façon pour lui de minimiser le conflit entre Moscou et l'Occident, qui s'est accentué depuis l'annexion de la Crimée en 2014. M. Macron, qui a esquivé en août 2019 un rapprochement contesté vers la Russie, sera probablement invité aux festivités qui seront organisées d'ici à la fin de l'année.

Le thème de la seconde guerre mondiale a aussi donné lieu à de récentes passes d'armes avec des pays d'Europe centrale et orientale, Varsovie en tête. Le Kremlin a multiplié, au début de l'année 2020, les déclarations sur le rôle de la Pologne d'avant-guerre, qu'il accuse de collusion avec Hitler et d'antisémitisme. Ces conflits mémoriels ont même terni les célébrations annuelles de la libération d'Auschwitz, en janvier.

Le 25 mars, Vladimir Poutine avait déjà dû annoncer le report du «vote populaire» prévu le 22 avril sur une réforme de la Constitution lui permettant de rester au pouvoir après 2024. Autre momie fortifier la vie publique russe, les cérémonies de Pâques, ce 19 avril, se dérouleront en l'absence des fidèles, appelés à rester chez eux. ■

Figura 3 - Notícia dia 18.04.2020

O título e a manchete mostram o papel fundamental do presidente Jair Bolsonaro, na exoneração do ministro da Saúde. A utilização da palavra “**guerra fria**” faz referência aos conflitos que marcaram o mundo a partir de 1947, e remete o leitor à oposição do presidente Jair Bolsonaro ao ministro da Saúde da época, Luiz Henrique Mandetta – considerando, especialmente, os posicionamentos ideológicos de cada um. Como podemos observar no enunciado à frente, enquanto o ex-ministro defendia a ciência, o presidente da República diminuía a gravidade da situação. “*Luiz Henrique Mandetta defendia as recomendações da OMS e o presidente, ele, não parava de minimizar a pandemia*” (ANEXO B).

Nos destaques, a palavra “**rajada**” no original “*coup de tonnerre*” (na tradução literal “*golpe de raio*”) é utilizada para caracterizar a demissão de Luiz Henrique Mandetta. “**Rajada**”, no dicionário brasileiro da língua portuguesa, significa “Sequência rápida e ininterrupta”, revelando o caráter violento e abrupto da demissão, tendo em vista o cenário da época.

A SD “**banhos de multidão**”, por sua vez, cria a imagem de um “rockstar” que se joga no público e é elevado pelas mãos de seus fãs. Com isso, o jornal mostra Bolsonaro como figura caricata da política, algo próximo da “celebridade” – no sentido de distanciá-lo da imagem de uma figura séria no cenário institucional. A SD “**estrela das redes sociais**”, utilizada para descrever o ex-ministro da Saúde, articula-se com as Sequências Discursivas anteriores para demonstrar essa guerra ideológica ocorrente no cenário atual do Brasil, fomentada principalmente pelas redes sociais.

Outra expressão – “**trabalho de equilibrista**” –, utilizada para abordar as dificuldades de acordos e conciliações na esfera governamental, suscita a incapacidade do presidente brasileiro de articular questões e equilibrar o jogo de forças na esfera governamental. Bolsonaro emerge, aqui, como um personagem inábil, desengonçado. Além disso, essa SD conversa com o discurso da notícia anterior, que evidencia a instabilidade das relações governamentais, isto é, reforça a imagem de um governo constituído por elos frágeis, facilmente modificáveis e, acima de tudo, dentro de uma gestão mais “familiar” que profissional.

Por fim, a palavra “**brutal**”, fortemente utilizada nessa edição para caracteriza a demissão do ministro da Saúde, remete ao rústico e ao bárbaro – denotando uma forma injusta de proceder. Nesse mesmo sentido, articula-se com “**Golpe de Caneta**”.

Au Brésil, « nous sommes à la limite de la barbarie »

L'épidémie, qualifiée de « petite grippe » par Jair Bolsonaro, s'aggrave

RIO DE JANEIRO - correspondant

Au Brésil, partout ou presque, on creuse. Des trous, des fosses, par milliers. A la pelle et à la pioche quand on dispose d'un peu de temps. Au tractopelle et à l'engin de chantier, quand on en manque. Pas pour planter du café ou trouver du pétrole, comme avant. Au Brésil, aujourd'hui, on creuse des trous pour enterrer des corps.

Le Covid-19 est arrivé « et c'est chaque jour de pire en pire », constate Paulo Henrique, jeune croque-mort métré de 26 ans au cimetière de Vila Formosa, à São Paulo. Ce mardi 21 avril, un petit embouteillage de corbillards s'est formé entre les tombes. « C'est le septième que je transporte aujourd'hui, le double de d'habitude. C'est épaisant », poursuit-il, patientant au volant de son véhicule funéraire. La cérémonie ne dure pas plus de cinq minutes, le temps de dire au revoir et d'une pellette de terre. « Tout le monde est terrifié », dit Paulo Henrique.

Au 23 avril, l'épidémie a fait 3313 victimes au Brésil (un bond record de 407 décès par rapport à la veille) pour 49 492 cas confirmés. Mais qui croit encore aux chiffres officiels? Débordées, les autorités ne parviennent à tester ni les vivants ni les morts, et certains décès dus au Covid-19 sont enregistrés avec vingt jours de retard. Selon des estimations, divulguées par la presse, le nombre de personnes réellement infectées serait de douze à quinze fois supérieur au chiffre annoncé par les autorités. Le nombre de morts pourrait quant à lui avoir déjà dépassé les 15 000 victimes dans

le pire des scénarios. Et le pic n'est prévu que pour mai.

D'ores et déjà, toute la Fédération est frappée: les grandes métropoles du sud du pays, comme São Paulo et Rio, où se concentrent la moitié des décès, mais aussi l'État nordestin du Pernambouc ou celui d'Amazonas, loin dans les terres, en forêt tropicale. Dans ces régions, les hôpitaux publics sont déjà saturés ou presque, avec des taux d'occupation des services en soins intensifs dépassant souvent les 70 % ou les 80 %. On espérait le nouveau coronavirus saisonnier? Sensible à la chaleur? Force est de constater qu'il s'adapte très bien à la torpeur tropicale.

Partout la chasse au lit

Tout ça fait peur. Tout ça fait pleurer aussi, de rage et de désespoir. « Nous sommes à la limite de la barbarie », s'est effondré en larmes cette semaine le maire de Manaus, Arthur Virgílio Neto, désespéré, lors d'une interview. Dans la plus grande cité d'Amazonas, le nombre d'enterréments a triplé, on creuse des fosses communes au creux des fosses communes des hôpitaux surchargés, les cadavres sont alignés dans les couloirs, des patients trop âgés ont déjà été renvoyés pour mourir chez eux.

Partout, c'est la chasse au lit, la course aux ventilateurs. « Une guerre quotidienne », témoigne un chirurgien de l'hôpital général de Fortaleza, dans le Ceará nordestin, repaquant l'anonymat. « On est plein, 100 % des lits en soins intensifs sont occupés et tous les respirateurs sont maintenant utilisés. On avait pourtant consacré un étage entier et cinq unités de soins exclusivement pour le Covid-19. Mais même avec ça, l'autre



Enterrement de victimes présumées de Covid-19, le 21 avril, à São Paulo. ANSELMO PEREIRA POUR LE MONDE

jour, 48 personnes attendaient un lit! À ce rythme on ne tiendra pas quinze jours », s'inquiète-t-il.

A Fortaleza, on a de la chance: pour l'instant, il y a suffisamment de gants et de masques. C'est loin d'être le cas partout. A São Paulo, « à l'hôpital, une bonne partie du personnel n'est pas équipée et a dû utiliser des capes de pluie et des sacs-poubelles, achetés au marché, pour se protéger », enrage Sergio Antiquera président du Syndicat des employés de la ville. A certains, on a confié un seul et unique masque de protection jetable pour un mois entier. « Ces gens sont en danger », s'indigne-t-il.

Le Brésil est à nu. « Nous ne sommes pas du tout prêts pour faire face à cette pandémie », regrette Ligia Bahia, experte du secteur de la santé à l'Université fédérale de Rio. Le pays dispose pourtant de dizaines de milliers de lits en soins intensifs. Mais « la moitié sont dans le privé, inaccessibles pour l'incroyable majorité de la population », soupire-t-elle. Résultat: en moyenne, selon l'Institut de statistique national, un Brésilien doit parcourir aujourd'hui 155 kilomètres pour trouver un hôpital capable d'offrir des soins

complexes, tels ceux exigés par le Covid-19. Dans le grand nord amazonien, la distance peut aller jusqu'à 400 ou 500 kilomètres.

Un virus? Quel virus?

« Le coronavirus montre l'échec de notre système démocratique », s'attriste Ligia Bahia. Depuis la fin de la dictature, en trente ans, on n'a jamais vraiment investi pour créer un système de santé publique efficace, qui offre des soins aux plus pauvres, les Noirs, les plus exclus, qui vont être les premières victimes. [Il] fonctionne d'abord pour les riches. Et [notre] démocratie ne garantit pas les droits sociaux. » Un virus? Quel virus? Malgré le drame en cours, le président d'extrême droite Jair Bolsonaro, pour qui le Covid-19 n'est qu'une « petite grippe », défend toujours le « retour à la normale ». Chaque fin de semaine, il s'adonne à des bains de foule, au mépris des règles sanitaires élémentaires. « J'ai le droit constitutionnel d'aller et de venir », a expliqué le chef de l'État, prenant les passants dans ses bras, serrant la main d'une femme âgée après s'être essuyé le nez dans son bras ou toussant

« Le coronavirus montre l'échec de notre système démocratique »

LIGIA BAHIA
experte du secteur de la santé à l'Université fédérale de Rio

carrière sur ses supporters lors d'un discours. Il y a gagné un surnom: « Capitaine Corona ». Le nouveau ministre de la santé, Nelson Teich, ne rassure pas davantage. Ce dernier s'exprime peu et a mis fin aux conférences de presse quotidiennes, prises par son prédécesseur Luiz Henrique Mandetta, brutalement démis de ses fonctions par Jair Bolsonaro la semaine dernière. Jugé terne et soumis au président, M. Teich ne convainc personne, pas même au sein du gouvernement. « Tout est sous contrôle... Mais de qui, on ne sait pas! », s'est ainsi amusé en public le vice-président Hamilton Mourão, juste avant la prise de fonction du ministre.

Faut-il s'attendre à une tragédie? Selon les prédictions de

l'Imperial College de Londres, en cas d'inaction, l'épidémie pourrait faire au total plus de 1 million de victimes au Brésil.

Heureusement, depuis la mi-mars, une majorité d'États, se substituant au gouvernement fédéral, ont mis en place des politiques de confinement, plus ou moins rigides. Mais avec quelle efficacité? A peine un Brésilien sur deux serait aujourd'hui isolé chez lui. Dans les quartiers populaires, le contrôle des autorités est quasi inexistant et les rues à peine moins pleines qu'à la normale.

Pire: alors que la vague s'approche, sous la pression combinée de l'exécutif et des milieux économiques, dix États sur vingt-sept ont déjà adopté des mesures pour flexibiliser à court ou moyen terme le très fragile et très partiel confinement. Prévoyant le pire, la ville de São Paulo a ordonné en urgence le creusement de 13 000 nouvelles tombes, l'achat de 38 000 urnes funéraires supplémentaires et la construction d'un nouveau cimetière. Pour éviter les embouteillages, la mise en terre se fera désormais sans public et de nuit, si besoin.

BRUNO MEYERFELD

La menace d'une tragédie sanitaire continue de planer au Venezuela

Les hôpitaux manquent de tout. Le président Maduro affirme que le pays compte peu de cas de Covid-19, ce que conteste l'opposition

BOGOTÁ - correspondante régionale

Sur la carte mondiale du coronavirus (élaborée par l'université américaine Johns-Hopkins), le Venezuela est marqué d'un tout petit point rouge. Contre toute attente, le pays semble résister mieux que ses voisins à la pandémie. La République bolivarienne enregistre, mardi 21 avril, 288 cas de Covid-19 et 10 décès. Masque sur le visage, le président Nicolas Maduro a annoncé lui-même ce nouveau bilan à la télévision, où il multiplie les apparitions, plus souvent entouré de ses généraux que de son ministre de la santé.

« En temps normal, je déteste Maduro, mais là je dois admettre qu'il fait bien les choses », dit Franklin Infierri dans la ville de San Cristóbal, à la frontière avec la Colombie. Médecins et scientifiques ont, eux, reconnu que le gouvernement a pris à temps les dispositions qui s'imposaient. Quelques opposants aussi. « Avec un Jair Bolsonaro aux manettes du Brésil et Donald Trump à Washington, Nicolas Maduro fait figure de véritable d'homme d'État », soupire

Alors que les hôpitaux publics vénézuéliens manquent de tout pour faire face à la pandémie et que les caisses de l'État sont vides, la menace d'une tragédie sanitaire et humanitaire continue de planer. « Le gouvernement ne dispose pas des ressources nécessaires pour aider les individus et les entreprises à survivre au confinement », s'inquiète l'économiste Luis Vicente Leon.

Le Programme alimentaire mondial de l'ONU avertissait en février - avant la crise du Covid-19 - que plus de 9 millions de Vénézuéliens étaient en situation d'insécurité alimentaire. Le service d'information de la revue The Economist (Economist Intelligence Unit), qui a élaboré un indice de vulnérabilité des pays face à la pandémie, place le Venezuela à la 176^e place sur 195.

Dès le 15 mars, alors que le Venezuela avait recensé deux cas de Covid-19, Nicolas Maduro annonçait la fermeture des frontières aériennes et terrestres du pays. Quatre jours plus tard, le président décrétait une stricte quarantaine sur l'ensemble du territoire. « Elle a été bien accueillie parce que les Véné-

nés dépend d'eux-mêmes », avoue Pedro Peñaoloza, un avocat convaincu des vertus du socialisme. Mais ici comme dans les pays voisins, le confinement est très inégalement respecté. Les caisses d'aliments distribuées par le gouvernement bolivarien ne suffisent pas à la subsistance des plus démunis, qui doivent sortir travailler pour survivre. Ils le font d'autant plus facilement que le risque de contagion est perçu comme très faible.

Manque d'essence

Paradoxalement, le manque d'essence est venu priver mal-forté à la quarantaine. Détenteur des plus grandes réserves mondiales de brut, le Venezuela est confronté depuis plusieurs semaines à une pénurie de combustible sans précédent. « Dans les conditions actuelles, celle-ci est un bienfait pour le pays », n'hésite pas à affirmer Pedro Peñaoloza. Mais le manque de carburant paralyse ce qui reste d'activité économique, compliquant la distribution d'aliments, immobilisant les ambulances, quand il n'empêche pas le personnel soignant de se rendre au travail.

nées officielles sur le Covid-19. Son leader, Juan Guaido, proclamé président par intérim en 2019 par l'Assemblée nationale dominée par les anti-chavistes, accuse le président Maduro de mentir et de cacher au pays la gravité de la situation. Dans un pays qui ne publie plus de bulletins épidémiologiques depuis 2016, il est permis de douter des données fournies par le pouvoir politique. La transparence n'est pas le premier mérite du gouvernement vénézuélien, qui contrôle étroitement l'espace médiatique et envoie à l'Occident ses détracteurs en prison. « À l'heure des réseaux sociaux, le gouvernement ne pourrait pas cacher une catastrophe sanitaire de grande ampleur, comme celle qui a

« Le pays était de fait confiné, bien avant l'arrivée de la pandémie »

CARLOS VECCHIO
ambassadeur de Juan

frappé la ville de Guayaquil [l'épidémie de coronavirus a submergé la ville équatorienne], affirme un diplomate en poste à Caracas.

Comment expliquer alors la faible expansion du coronavirus? « Le pays était de fait confiné, bien avant l'arrivée de la pandémie », répond l'opposant Carlos Vecchio, ambassadeur de Juan Guaido à Washington. Résultat de la baisse des prix du pétrole et d'une gestion erratique, la descente aux enfers de l'économie vénézuélienne a poussé la plupart des compagnies internationales à suspendre leurs vols vers le Venezuela. Début 2020, seules neuf d'entre elles - dont Air France - desservaient encore le pays. Selon l'Association des lignes aériennes du Venezuela (ALAV), l'aéroport de Maiquetía, près de Caracas, n'accueillait plus qu'une quarantaine de vols internationaux par semaine, contre 350 quelques années plus tôt. Le tourisme a depuis longtemps pratiquement disparu.

En cinq ans, le produit intérieur brut (PIB) du Venezuela a chuté de 60 %. « La crise économique nous avait tous un peu confinés », confirme Yadir, employée dans un

le soir si l'insécurité fait peur? Comment inviter la famille à déjeuner s'il n'y a rien à acheter dans les magasins? Si les panes d'électricité et les coupures d'eau sont quasi quotidiennes? Si la moitié des cousins ont migré?

« Aujourd'hui, le risque de contagion à grande échelle vient des migrants qui rentrent », affirme Franklin. L'ONU estime à près de 5 millions le nombre de Vénézuéliens qui ont quitté leur pays depuis 2013, pour tenter leur chance en Colombie, au Brésil, au Pérou ou en Équateur. Un peu plus de 9 000 ont fait le choix du retour depuis le début de la pandémie. « Au Venezuela, il n'y a rien à manger, mais j'ai un toit pour passer la quarantaine, expliquait Yeison en quittant Bogotà. Je préfère crever chez moi que tout seul dans la rue. » La Colombie a ouvert un couloir humanitaire pour permettre aux Vénézuéliens de passer la frontière, officiellement fermée. Une fois dans leur pays, ces migrants du retour sont confinés pendant quatorze jours dans des établissements scolaires. Ceux qui passent par les chemins clandestins échappent à tout contrôle. ■

Nesta data, a manchete traz a palavra “**barbaridade**”, que está relacionada à própria barbárie, no sentido literal (denotando algo “desumano”, “cruel”), mas trabalhando também os sentidos de “atraso”, de “estado de povo incivilizado”. Trata-se de uma tentativa de fazer um retrato do atual governo no Brasil.

A legenda, além de reforçar o agravamento da doença – que, no contexto da época, ultrapassava a marca de 4000 mortos –, coloca em evidência a forma como o presidente classificou a doença: uma gripezinha. Além disso, a SD “**mas quem acredita nos números oficiais?**” (ANEXO C) remete o leitor à possibilidade da violação dos dados, ou da disseminação de informações falsas por parte do próprio governo. Questiona, enfim, a veracidade dos dados oficiais.

“**A caça pelos leitos**” e “**Corrida pelos respiradores**” são sequências discursivas que demonstram uma “guerra” pela obtenção de vagas em hospitais, fomentada principalmente pela falta de leitos e de respiradores para todos os cidadãos. Nesse sentido, a palavra “caça” remete a essa busca “selvagem”. Essas pessoas aparecem no jornal como personagens de um jogo duro, que estão à caça de leitos e que precisam correr para encontrar aparelhos que possam lhes salvar a vida.

Na SD “**Capitão Corona**” dois motores são evocados: primeiro a palavra “Capitão”, por remeter o leitor à antiga função do Bolsonaro no Exército Brasileiro. Na sequência, a palavra “Corona”, para fazer menção ao coronavírus. Nessa Sequência Discursiva, podemos entender, pelo então contexto de produção (CP), que ambas as palavras foram articuladas para nomear o presidente da República como o chefe e comandante do coronavírus no Brasil.

Além disso, há, aqui, a ideia de que o “**Brasil está nu**”, isto é, desamparado, com todas as suas debilidades à mostra.

Au Brésil, la démission de Sergio Moro fragilise le pouvoir

Les accusations de l'ancien juge pourraient justifier un « impeachment »

RIO DE JANEIRO - correspondant

Une pandémie mondiale, doublée d'une crise économique; tout cela n'était pas suffisant pour Jair Bolsonaro. Depuis vendredi 24 avril, avec la démission brutale du très populaire ministre de la Justice Sergio Moro, le Brésil est également plongé dans une grave crise politique, aux conséquences potentiellement explosives.

Sergio Moro disposerait d'éléments compromettants sur les agissements présidentiels

L'indépendance de la justice en souhaitant nommer à la tête de la PF « un proche qu'il pourrait appeler pour obtenir des informations » sur les enquêtes en cours et en particulier sur celles visant sa famille. « Il était clair qu'il y aurait une ingérence politique dans la Police fédérale, qui remettrait en cause ma crédibilité personnelle », conclut l'ancien « super juge », souché de « protéger [sa] réputation ».

« Heureuse opportunité » et contre-offensive viendra en fin d'après-midi, brutale. Sergio Moro « se préoccupe d'abord de lui-même et de son ego, plutôt que du Brésil », lance un Jair Bolsonaro outré lors d'un discours de cinquante minutes entouré des membres de son gouvernement. Alternant rictus et gorge nouée, ce dernier a livré un discours pour le moins confus, évacuant tout à tour la situation politique du moment, mais aussi les aventures amoureuses de son dernier fils, Jair Renan, ou l'état de la piscine du palais présidentiel. Balayant les accusations de son ex-ministre, le président est longuement revenu sur leur relation, à la manière d'un amoureux déçu. « Je lui ai toujours ouvert mon cœur, mais je doute qu'il m'ait déjà ouvert le sien », a fait mine de s'attrister le chef de l'Etat.

En vérité, les deux hommes ne se sont jamais appréciés. « Le remplacement du chef de la police est une heureuse opportunité pour Moro, qui voulait sortir du gouvernement depuis longtemps », estime le politologue Mathias Alencastro. Depuis sa nomination, en janvier 2019, le ministre était exaspéré par l'imprévisible style présidentiel, mais aussi par le manque de soutien politique du chef de l'Etat dans ses projets de réforme. « En claquant la porte, Moro sort renforcé et se pose habilement en garant de l'indépendance de la justice », note le chercheur.

Lors de l'opération « Lava Jato », le « petit juge » de Curitiba ne s'était pourtant pas distingué par son respect de l'Etat de droit. « Tout l'inverse ! », accuse Carol Proner, professeure de droit et membre de l'association brésilienne des juristes pour la démocratie. « Les conversations privées publiées par le site d'information The Intercept en 2019 montrent justement que Sergio Moro, juge partial, manipulant la presse et la justice à des fins politiques afin de faire emprisonner l'ancien président Lula », insiste-t-elle.

Ahors que le coronavirus a fait officiellement 3670 morts au Brésil, le départ de Sergio Moro désorganise un peu plus la lutte chaotique contre la pandémie. Surtout, il est un tremblement de terre dans le jeu politique brésilien et un coup dur porté au gouvernement d'extrême droite. Pour ses partisans, l'ancien juge de Curitiba est un véritable héros national, le symbole même de la lutte contre la corruption dans le pays. Il était de loin la plus belle « prise » de Jair Bolsonaro au pouvoir. « Moro fût-il un élu, c'est plus modéré, pour qui Bolsonaro est trop excessif », décrypte Mathias Alencastro.

Est-ce le début d'une hémorragie ? La semaine dernière avait déjà vu le départ du très médiatique ministre de la Santé, Luiz Henrique Mandetta, renvoyé manu militari pour avoir été trop actif dans sa lutte contre le coronavirus. Le prochain sur la liste pourrait être rien de moins que le ministre de l'Economie, Paulo Guedes, qui était parvenu, en 2018, à rallier autour de Jair Bolsonaro les élites économiques et financières du pays. Ultra libéral, celui-ci est aujourd'hui en conflit avec l'aile militaire du gouvernement, à la tradition plus « étatiste ».

Moro, témoin embarrassant Plus grave: les accusations portées par Sergio Moro pourraient potentiellement justifier l'ouverture d'une procédure de destitution (impeachment) contre Jair Bolsonaro, réclamer par l'opposition et que beaucoup considèrent déjà comme inévitable. Dans ce contexte, l'ancien juge pourrait devenir un témoin embarrassant. Sergio Moro, décrit comme un « homme bombe » par la presse, disposerait d'enregistrements audio et d'échanges de messages compromettants sur les agissements présidentiels.

Vendredi soir, le nom du nouveau ministre de la Justice n'était pas encore connu. Mais, d'ores et déjà, une chose est certaine: l'ambitieux Sergio Moro devrait sans aucun doute se porter candidat à la présidentielle de 2022, se posant en rival particulièrement dangereux pour Jair Bolsonaro. « Je vais me reposer un peu (...) et chercher un travail », a d'abord déclaré mollement l'ancien ministre face à la presse. Avant d'ajouter, soudain plus ferme, « Peu importe où je serai, je resterai à la disposition du pays. »

BRUNO MEYERFELD

Le premier opposant malien porté disparu depuis un mois

La piste djihadiste est privilégiée depuis l'enlèvement de Soumaila Cissé

Depuis un mois, le Mali est sans nouvelles de son principal opposant, Soumaila Cissé, arrivé en deuxième position lors des présidentielles de 2013 et 2018, a été enlevé le 25 mars alors qu'il battait campagne pour le premier tour législatif. Le rapt s'est produit non loin de son fief électoral de Nianfunko, au centre du Mali. « Je lui ai parlé quelques minutes avant l'enlèvement. Il était inquiet. Il avait déjà traversé trois villages lorsqu'ils sont partis dans l'après-midi pour Koumaira », raconte Assa Cissé, l'épouse du président de l'Union pour la République et la démocratie (URD), épousée par « cette trop longue attente ».

A ce jour, aucun groupe n'a revendiqué le rapt, et ce silence inquiète

D'après plusieurs récits, le convoi de deux véhicules et d'une petite quinzaine de personnes est tombé dans une embuscade, à moins de 5 kilomètres de sa destination finale. Le véhicule qui transportait M. Cissé a été mitraillé sans sommation. Son garde du corps est mort des suites de ses blessures, deux autres « jeunes » ont été blessés: « l'un d'une balle à la mâchoire qui lui a arraché lui-même un œil, un autre a vu une balle lui glisser sous la peau du ventre », relate un membre du parti. Tous les membres du cortège ont par la suite été libérés, hormis Soumaila Cissé. Blessé à une main lors de l'attaque, l'homme politique aurait été aussitôt isolé par ses ravisseurs.

«Flou le plus complet» Très vite, les regards se sont tournés en direction des éléments de l'absence de revendication, celui-ci étant à l'usage du public, Soumaila Cissé n'est plus dans la zone où il a été enlevé par la katiba Macina. Il est fort possible qu'il soit désormais dans le Timérimé (dans le nord-est du pays) entre les mains du Groupe de soutien à l'islam et aux musulmans (GSIM), organisation ralliée à Al-Qaïda, dirigée par Iyad Ag-Chali, dans laquelle la katiba Macina a fusionné.

De manière plus large, ce rapt, ajouté à la mort de plus de 50 soldats maliens dans deux attaques revendiquées par le GSIM le 11 novembre 2019, renoue la question de la volonté réelle d'Iyad Ag-Chali et de ses affidés de négocier avec Bamako. Directeur de campagne de Soumaila Cissé lors de la dernière présidentielle, ministre des affaires étrangères depuis qu'il a rejoint les rangs du pouvoir et promoteur de longue date d'un dialogue avec les djihadistes, Tibère Dramé juge que, « même si nous négotons pas dans la disposition de négocier, cet enlèvement, odieux et condamnable, nous y oblige. Sinon, comment parviendrions-nous à le faire libérer ? »

Selon des sources bien informées, le pouvoir malien pourrait, à cet effet, une fois de plus, élargir discrètement des cadres djihadistes emprisonnés à Bamako. ■

faire valoir ses relais locaux pour obtenir la libération, mais, le 9 avril, lui aussi a été kidnappé. « Il avait dit à Cissé que Koufa n'avait aucune objection à ce qu'il vienne faire campagne, mais Koufa n'a jamais donné son autorisation et le lui a fait payer », avance, sous couvert d'anonymat, un notable de la région.

Cela nous oblige à négocier Le flou actuel engendre toutes les spéculations, et certains veulent voir derrière l'enlèvement du premier opposant du pays « un mauvais coup » de certains organes des services de renseignement maliens, peu enthousiastes à l'idée de voir les autorités dialoguer avec les djihadistes locaux, comme le président Ibrahim Boubacar Keita s'y est engagé en février. « Aucun motif d'enlèvement ne nous est parvenu mais, pour ces gens, tomber sur un responsable politique de premier ordre est une aubaine », coupe court une source proche de la médiation engagée par le pouvoir.

Selon cette source, qui estime que des éléments décisifs pour la libération de l'homme politique pourraient intervenir sous peu, « il n'y a pas de raison de s'alarmer de l'absence de revendication, celui-ci étant à l'usage du public, Soumaila Cissé n'est plus dans la zone où il a été enlevé par la katiba Macina. Il est fort possible qu'il soit désormais dans le Timérimé (dans le nord-est du pays) entre les mains du Groupe de soutien à l'islam et aux musulmans (GSIM) », organisation ralliée à Al-Qaïda, dirigée par Iyad Ag-Chali, dans laquelle la katiba Macina a fusionné.

De manière plus large, ce rapt, ajouté à la mort de plus de 50 soldats maliens dans deux attaques revendiquées par le GSIM le 11 novembre 2019, renoue la question de la volonté réelle d'Iyad Ag-Chali et de ses affidés de négocier avec Bamako. Directeur de campagne de Soumaila Cissé lors de la dernière présidentielle, ministre des affaires étrangères depuis qu'il a rejoint les rangs du pouvoir et promoteur de longue date d'un dialogue avec les djihadistes, Tibère Dramé juge que, « même si nous négotons pas dans la disposition de négocier, cet enlèvement, odieux et condamnable, nous y oblige. Sinon, comment parviendrions-nous à le faire libérer ? »

Selon des sources bien informées, le pouvoir malien pourrait, à cet effet, une fois de plus, élargir discrètement des cadres djihadistes emprisonnés à Bamako. ■

Le Monde Afrique
Retrouvez en ligne l'ensemble de nos contenus

Avec le changement climatique, les ouragans devraient être plus lents et plus destructeurs

Le réchauffement conduira les cyclones à stagner, occasionnant des pluies torrentielles

Près de 90 morts, 125 milliards de dommages, 200 000 maisons détruites. C'est le bilan de l'ouragan Harvey, qui, en août 2017, a dévasté le Texas et la Louisiane. L'une des raisons pour lesquelles il a été si destructeur est qu'il s'est déplacé de manière inhabituellement lente, et est resté sur la même zone pendant des jours. Avec le changement climatique, ce scénario pourrait devenir beaucoup plus fréquent, selon une étude publiée dans la revue Science Advances mercredi 22 avril.

Une équipe internationale de chercheurs de l'université de Princeton, dans le New Jersey (Etats-Unis), et de l'Institut de recherche météorologique de Tsukuba, au Japon, a cherché à en savoir plus sur le lien entre le changement climatique et ces ouragans « lents ». Ils ont ainsi sélectionné un modèle prévisionnel basé sur une augmentation de la température moyenne de 4°C – un niveau de réchauffement qui, selon les experts, pourrait être atteint avant la fin du siècle si aucune mesure n'est prise pour limiter les émissions de gaz à effet de serre.

Au total, 90 simulations ont été effectuées sur ce modèle, variant les conditions atmosphériques et océaniques. « Nos simulations suggèrent que le réchauffement anthropique pourrait entraîner un ralentissement significatif du mouvement des ouragans, en particulier dans certaines régions très peuplées des latitudes moyennes, comme le Japon ou la Côte est des Etats-Unis », explique Gan Zhang, chercheur en sciences atmosphériques et océaniques de l'université de Princeton et premier auteur de l'étude. Selon ses résultats, le déplacement des ouragans pourrait se réduire d'environ 10 % à 20 % d'ici à la fin du siècle.

Pourquoi les tempêtes ralentissent-elles ? Le déplacement des cyclones est lié à la circulation atmosphérique et le changement climatique diminue cette circulation, explique Matthieu Lengaigne, chercheur au Laboratoire d'océanographie et du climat du CNRS. Pour faire simple, on observe deux phénomènes. Dans les tropiques, la température augmente, ce qui a pour effet de stabiliser l'atmosphère. Les courants seraient donc moins nombreux et moins puissants. « Deuxième chose, on sait que l'Arctique se réchauffe beaucoup plus vite que le reste du globe. Donc le gradient de température entre cette région et les tropiques diminue, ce qui induit une diminution des courants de l'atmosphère. »

« Dans notre étude, lorsque nous parlons d'ouragans lents nous parlons de leur mouvement de translation, précise Gan Zhang. Un ouragan lent peut très bien avoir des vitesses de vents très élevées à l'intérieur de la tempête. » Ainsi, l'ouragan Dorian, qui a frappé l'île de Grand Bahama, dans l'océan Atlantique, en 2019, était un ouragan de catégorie 5 avec des rafales de vent atteignant près de 300 km/h, mais avait une vitesse de translation de seulement 2 km/h lorsqu'il a touché l'île. « Au moment de reprendre sa course vers les Etats-Unis il se déplaçait à 7 km/h, contre 15 à 25 km/h pour la plupart des ouragans », poursuit le chercheur.

Un an de pluie en quelques jours Les conséquences de ce ralentissement des cyclones devraient être importantes. « Lorsque la vitesse des cyclones diminue de 15 %, leur puissance destructrice augmente de 15 %, explique Matthieu Lengaigne. Et plus les cyclones sont lents, plus ils déchargent de vents et de précipitations. » Les ouragans s'attardent autour d'un endroit spécifique, leur séjour prolongé multiplie les dégâts. L'ouragan Harvey a ainsi entraîné des précipitations supérieures à 1 000 millimètres, soit l'équivalent d'une année de pluie, en quelques jours, et a submergé l'infrastructure locale. « Une telle accumulation de précipitations est peu probable lorsqu'un ouragan s'éloigne rapidement », précise Gan Zhang.

Selon le rapport du Groupe d'experts intergouvernemental sur l'évolution du climat, plusieurs corrélations entre le changement climatique et les ouragans sont déjà établies. « Premièrement, le nombre de cyclones à forte intensité devrait croître de 15 % d'ici à la fin du siècle. Ensuite, les précipitations associées aux cyclones devraient elles aussi augmenter de 15 % à 20 %, détaille M. Lengaigne. Nous savons que les cyclones se déplacent petit à petit vers les pôles. Des régions qui n'ont pas l'habitude de faire face à ces événements climatiques vont devoir désormais prendre en compte ce risque. »

Le consensus est là: les ouragans vont causer de plus en plus de dégâts. « Il est donc important, non seulement de travailler à réduire les émissions de gaz à effet de serre, alerte Gan Zhang, mais également de prendre des précautions dans le développement côtier et l'urbanisme. Par exemple, le développement de logements dans la zone inondable de Houston a été questionné après Harvey. Chaque région va devoir faire face à des défis uniques. C'est pour cela que nous devons évaluer les risques le plus précisément possible pour trouver des solutions adaptées. »

CLÉMENTINE THIBERGE

CANADA
Le tueur de Nouvelle-Ecosse avait d'abord agressé sa conjointe
La pire tuerie de l'histoire du Canada a débuté quand le tueur, Gabriel Wortman, a agressé sa conjointe, ce qui pourrait avoir servi de catalyseur pour les 22 meurtres qui ont suivi, ont fait savoir

vendredi 24 avril les autorités canadiennes. Un responsable de la Gendarmerie royale a fourni une chronologie de la «chasse à l'homme qui s'est enclenchée à l'étranger, en Nouvelle-Ecosse, et qui a connu son dénouement treize heures plus tard quand le suspect a été tué. Sa conjointe avait réussi à s'échapper et à se cacher dans les bois. » (AFP)

Figura 5 – Notícia dia 27.04.2020

Nesta edição, a palavra “**fragilizar**”, presente na manchete, reforça a ideia de que o governo Bolsonaro está perdendo poder e força a cada dia. Em destaque, diz-se que o país “**mergulhou**” em uma crise política, ou seja, está imerso em problemas de cunho institucional de forma muito negativa, com poucas chances de resolução.

O arranjo textual que explicita a ocorrência de “**discursos que são confusos para dizer o mínimo**” é marcado por um forte tom de crítica. A expressão “**dizer o mínimo**” deixa claro que, entre as piores coisas que se poderia dizer a respeito dos discursos do presidente Jair Bolsonaro, “confuso” é pouco.

A edição também traz uma construção curiosa: “**Amante decepcionado**” (ANEXO D), utilizada para descrever a maneira como Bolsonaro estaria se sentindo em relação ao ex-juiz Sérgio Moro, que, naquele mês, acusara o presidente da República de tentativa de interferência na Polícia Federal. No enunciado do jornal “*Refutando as acusações de seu ex-ministro, o presidente focou durante um longo momento na relação dos dois, da mesma maneira de um amante decepcionado*”. No contexto, podemos ver Bolsonaro, em uma de suas entrevistas, dizendo: “Eu sempre abri meu coração para ele, e eu tenho certeza de que ele já abriu o dele para mim” –, uma frase que pode ser facilmente relacionada a discussões protagonizadas por casais.

Também fazem parte dessa edição expressões como “**luta caótica contra a pandemia**” – em que o termo “caótico” aparece para dar sentido ao despreparo do governo brasileiro para lidar com o Coronavírus – a partir da observação das ações desordenadas identificadas nas rotinas dos órgãos do Executivo envolvidos na luta contra a pandemia. A isso, segue-se uma indagação: “**É o início de uma hemorragia?**” – e “hemorragia”, aqui, faz uma analogia a algo que está fora do controle, visto que seu significado literal é, no dicionário: “vazamento do sangue para fora dos vasos sanguíneos, ou seja, algo fora do normal, não natural e sem controle”. Ou seja: algo que deve ser rapidamente refreado.

Por fim, a SD “**Ele é um terremoto**” é utilizada para caracterizar Sérgio Moro. Dentro da SD “Ele é um terremoto dentro do jogo político brasileiro” é revelado o papel crucial do ex-ministro dentro das “jogadas”, ou seja, das tomadas de decisão em curso no governo Bolsonaro. “Terremoto”, na linguagem figurada do dicionário brasileiro, representa “grande abalo social”.

6 | CORONAVIRUS

Le Monde
MARDI 19 MAI 2020

Le Brésil de plus en plus désarmé face au coronavirus

La pandémie, minimisée par le président, a tué au moins 16 000 personnes, d'après le dernier bilan

RIO DE JANEIRO - correspondant

Ils ont tué ma mère ! » Paula Ribeiro, 34 ans, parle depuis vingt minutes sans s'arrêter. Un flot de paroles, entrecoupées de larmes de désespoir, mais aussi d'une rage féroce. Le 22 avril, cette habitante de Manaus, plus grande ville d'Amazonie et épicentre de l'épidémie de Covid-19 au Brésil, a perdu sa maman. Victime de la crise due au nouveau coronavirus et de l'effondrement du système de santé du pays.

« Dona » Amalia avait 53 ans. Diabétique, souffrant d'hypertension, elle tombe malade à la fin mars. Douleurs, fièvre, fatigue, puis toux et difficultés respiratoires ; les symptômes classiques du Covid-19. « Mais les médecins que nous avons appelés, comme les hôpitaux, ont refusé de la tester ou de la prendre en charge. Ils nous ont dit : "Il y a trop de monde, rentrez à la maison. Ne venez qu'en cas d'urgence" », raconte Paula.

Le 22 avril, l'état d'Amalia empire. Elle suffoque, agonise. « J'ai appelé le SAMU au secours, mais ils étaient déjà débordés ». Paniquée, la famille embarque la mère dans une voiture et l'amène aux urgences de l'hôpital Nilton-Lins. Mais cette unité, ouverte spécialement pour les malades du Covid-19, ne reçoit que des patients envoyés par d'autres hôpitaux. Les infirmiers hésitent à ouvrir la porte à une patiente qu'ils croient déjà morte.

L'épidémie en pleine explosion
Cris, hurlements, pleurs. Après dix minutes, Amalia, inconsciente, est prise en charge. « Elle est décédée deux heures plus tard et ils ne l'ont même pas testée. Sur son certificat de décès, il y a écrit "cause indéterminée" », s'insurge Paula Ribeiro. Si elle avait été prise en charge à temps, on aurait pu la sauver. C'est révoltant. Ce qui est arrivé à ma mère, ça peut arriver à n'importe quel Brésilien.

Alors qu'une partie du monde se déconfinne, l'épidémie due au Covid-19 est en pleine explosion au Brésil. Au 17 mai, le pays comptait officiellement 241 000 cas positifs, davantage qu'en Espagne ou en Italie. Le nombre de décès dépasse désormais les 16 000 et a

Alarmiste, l'université de Washington prévoit jusqu'à 193 000 morts d'ici au mois d'août dans le pays

doublé en une dizaine de jours, avec la plus forte mortalité quotidienne enregistrée en dehors des Etats-Unis. Et le pic n'est attendu que pour le mois de juin...

Tous les chercheurs sont alarmistes. Prenez ceux du centre Covid-19 Brasil : selon eux, le pays pourrait en réalité compter entre 2,5 et 3,4 millions de cas positifs, soit 15 fois plus que les chiffres officiels. Pour l'Imperial College de Londres, le Brésil possède le plus fort taux de contagion au monde, avec un R, de 2,8 - chaque personne malade va infecter à son tour en moyenne 2,8 nouvelles personnes. Alarmiste, l'université de Washington prévoit, quant à elle, jusqu'à 193 000 victimes d'ici au mois d'août dans le pays.

Face au drame en cours, et en l'absence de réponse du gouvernement de Jair Bolsonaro, les autorités locales ont décidé de durcir le ton. Dans le Nordeste, les villes de Fortaleza, Sao Luis et Recife ont décrété un confinement strict de la population. A Rio de Janeiro et Sao Paulo, le port du masque est désormais obligatoire. Certaines localités instaurent des couvre-feux, d'autres des « barrières sanitaires » à l'entrée de la ville. Mais tout cela est confus et mal appliqué : 43 % de la population brésilienne ne respecte aucun confinement.

Une ville fait pourtant figure d'exemple à Niterói, grande ville de 500 000 habitants, située face à Rio de Janeiro, de l'autre côté de la grande et belle baie de Guanabara. Ici, les autorités locales ont mis le paquet, et ce depuis le début : confinement strict avec police dans la rue, masque obligatoire, désinfection du



Hôpital de campagne Gilberto-Nowaes, à Manaus (Amazonas), le 14 avril. EDUARDO BARROSO/AP

trottoir, réquisition des hôtels, distribution d'une aide d'urgence aux plus modestes, achats de 40 000 tests, fermeture des écoles, parcs, plages et commerces... Et tout ça marche : Niterói ne comptait au 17 mai que 65 victimes, avec un taux de mortalité de 5,7 %, deux fois inférieur à celui de Rio (qui déplore 1 841 décès). « Ce sont les résultats de trente ans de bonne gestion », explique le maire de Niterói, Rodrigo Neves (Parti démocrate travailliste, PDT, centre gauche), pas peu fier de son bilan en matière de santé ou d'éducation. Le Brésil est en train de devenir l'épicentre mondial du coronavirus, poursuit l'édile. Je n'ai aucun doute sur le fait que notre exemple va être suivi et que d'autres villes vont prendre des mesures plus strictes.

Mais n'est-il pas déjà trop tard ? Selon les relevés du quotidien Folha de S. Paulo, le taux d'occupation des lits en soins intensifs destinés aux patients atteints du Covid-19 dépasse déjà 70 % dans au moins 9 des 27 Etats de la fédération brésilienne, avec des pics à 96 % dans le Pernambuco (Nordeste) ou 100 % à Roraima (Amazonie).

Retard dans les acquisitions
Le Brésil est désarmé. Il manque de munitions, de générateurs mais aussi de soldats : mal équipés, mal protégés, 116 membres du personnel de santé brésilien seraient déjà morts du Covid-19 depuis le début de l'épidémie. Selon le pourcentage de plus de dix-huit 200 000 ont présenté des symptômes de la maladie : autant de médecins et d'infirmiers, souvent mis en quarantaine, qui risquent de cruellement manquer au moment du pic.

Pour ne rien arranger, l'ouverture de nouveaux lits ou l'acquisition d'équipements ont pris un retard monumental, victimes d'une bureaucratie inensurable et de pratiques souvent louches. Dans l'Etat de Rio, seuls 4 des 9 hôpitaux de campagne promis par les autorités locales ont été ouverts. Certains tirent avantage du chaos. Le 7 mai, l'ancien sous-secrétaire à la santé de l'Etat, Gabriel Neves, a ainsi été mis en prison, avec trois personnes, tous soupçonnés d'avoir profité de la surfacturation de respirateurs achetés par la région, pour un montant évalué à près de 800 000 euros.

Au départ, le Brésil disposait pourtant de plusieurs hôpitaux pour faire face à la pandémie : une industrie pharmaceutique robuste, une expérience des épidémies tropicales, et surtout le « SUS », ce système de santé public gratuit et universel, chéri par la population. « Mais ses ressources sont très limitées, il est chronique- ment sous-financé », explique Miguel Lago, directeur de l'Institut d'études pour les politiques de santé (IEPS). Le Brésil investit l'équivalent de 4 % de son PIB dans la santé, contre 8 % à 10 % pour des pays comme la France ou l'Allemagne, aux systèmes comparables. Selon l'IEPS, dans 72 % des régions du Brésil, le nombre de lits de soins intensifs du SUS est inférieur aux recommandations minimales de l'Organisation mondiale de la santé (10 pour 100 000 habitants). « Dans ce contexte, les autorités locales n'auront pas d'autre choix que de passer des contrats avec les services de santé privés, mieux dotés », explique M. Lago. Cela aura un coût : près de 10 milliards d'euros selon les pires scénarios envisagés. « Le drame, on y est déjà. Ce qu'il faut éviter maintenant, c'est le désastre », conclut M. Lago. ■

BRUNO MEYERFELD

Jair Bolsonaro s'enfoncé dans le déni et la crise politique

Au Parlement, une trentaine de demandes de destitution ont été déposées contre le chef de l'Etat brésilien

RIO DE JANEIRO - correspondant

Il n'aura pas tenu un mois. Vendredi 15 mai, le ministre de la Santé brésilien, Nelson Teich, a finalement jeté l'éponge et présenté sa démission. « La vie est faite de choix et aujourd'hui j'ai fait celui de partir », a-t-il déclaré, lors d'une brève conférence de presse, se contentant de quelques mots de remerciement à l'endroit de ses assistants et du président Jair Bolsonaro.

Derrière la sobriété du départ, c'est pourtant le feu qui couve. Voire l'incendie. Depuis plusieurs jours, à l'image de son populaire prédécesseur Luiz Henrique Mandetta, Nelson Teich s'était retrouvé en conflit ouvert avec le chef de l'Etat. Effacé, confus, corseté par les militaires, il était pourtant loin de faire de l'ombre à Jair Bolsonaro. Mais les divergences étaient trop fortes, entre un ministre recommandant le confinement et un président prônant la réouverture généralisée du pays (et qui n'avait, dimanche, toujours pas nommé de successeur à ce portefeuille) pourant crucial alors que la pandémie de

Covid-19 a touché 241 000 personnes et fait 16 122 morts). A nouveau, dimanche, Jair Bolsonaro a salué, face au palais du Planalto, à Brasilia, une petite foule de partisans, protestant contre les mesures de confinement décrétées dans une majorité des Etats fédérés du pays. Mais, une fois n'est pas coutume, muni d'un masque et se tenant à distance, l'incontrôlable chef de l'Etat a employé un ton plus consensuel qu'à son habitude, prônant le respect de la Constitution et de l'Etat de droit.

Ton apocalyptique
Est-ce l'effet de la pression ? En pleine épidémie due au coronavirus, Jair Bolsonaro est emprêté dans une crise politique, sur fond de multiples affaires judiciaires. La plus grave et la plus urgente concerne la procédure lancée par le procureur général de la République, Augusto Aras, afin de déterminer la véracité des accusations lancées par l'ex-ministre de la Justice, Sergio Moro. Ce dernier affirme que le président aurait tenté d'interférer dans les enquêtes de la police fédérale afin de

protéger sa famille, visée par plusieurs enquêtes. La crise se joue aussi sur le terrain politique. Une trentaine de demandes de destitution ont été déposées auprès du président de la Chambre des députés, Rodrigo Maia. Le départ de Jair Bolsonaro est réclamé par le Parti des travailleurs (PT, gauche) de Lula, mais aussi par des mouvements de droite conservatrice, tel le Mouvement Brésil libre (MBL), très actif lors de la destitution de Dilma Rousseff en 2016. Afin d'éviter une sortie de route, le chef de l'Etat négocie une alliance avec les petits partis dits du « centrao », ventre mou du Parlement brésilien, qui comptent monayer cher leur soutien, en échange de ministères et de directions d'administration.

Contesté chaque soir par des concerts de cassettes, Jair Bolsonaro conserve néanmoins une base fidèle dans l'opinion. Plusieurs enquêtes d'opinion récentes le donnent en tête des intentions de vote au premier tour, en cas d'élection présidentielle. Le pays demeure très divisé : 48 % de la population demeurent opposés à une procé-

Plus d'un Brésilien sur cinq ferait confiance au président, qui qualifiait jusqu'à récemment la pandémie de « petit rhume »

duire d'impeachment quand 45 % y seraient favorables, selon l'Institut Datafolha. Surtout : plus d'un Brésilien sur cinq ferait systématiquement confiance aux déclarations du président, qui qualifiait jusque récemment la pandémie de « petit rhume », d'« hystérie » ou de doux « réve ». Se voulant champion des chômeurs et des petits patrons, Jair Bolsonaro a concentré son discours ces derniers jours sur la crise économique, avec un ton volontiers apocalyptique. « Il va [bientôt] manquer de l'argent pour payer les fonctionnaires ! », a-

til menacé le 14 mai, décrivant la même semaine un climat de « guerre » au sein du pays. « Il faut rouvrir, nous allons mourir de faim ! », a prévenu le président, exhortant les chefs d'entreprise de la capitale économique Sao Paulo à « jouer dur » pour forcer les autorités locales à rouvrir l'ensemble des commerces. « Ceux qui doivent rester à la maison, ce sont les plus âgés et les plus vulnérables », approuve la députée Bia Kicis, fidèle de Jair Bolsonaro et soutien des manifestations anticonfinnement, organisées chaque semaine à Brasilia. « Aucune base scientifique ne permet de dire que le confinement protège contre le virus », soutient-elle, affirmant avoir « entendu plein de médecins le dire » et balayant toute critique à l'encontre du président. « Il est accusé de crimes qu'il n'a pas commis ou qu'il aurait pu commettre : on est dans Minority Report ! », dit-elle.

Pour attirer les faveurs de ses partisans très mobilisés, le président a donc naturellement joint la parole aux actes. Le 11 mai, il ajoutait par décret les salons de coiffure et les salles de sport dans

la liste des activités essentielles pouvant demeurer ouvertes malgré la pandémie (une mesure qui n'a pas été suivie d'effet, la plupart des gouvernements refusant de l'appliquer). Le 14, M. Bolsonaro publiait une mesure provisoire exemptant les agents publics de la responsabilité de leurs actes pendant la pandémie, les fonctionnaires ne peuvent être punis que pour fraude ou « erreur grossière ». Un texte jugé anti-constitutionnel par bien des experts, et qui pourrait bénéficier au chef de l'Etat lui-même.

Dans le même temps, Jair Bolsonaro ne s'est pas privé d'afficher son grand mépris pour la pandémie et son indifférence crasse à l'égard des victimes. Le 9 mai, alors que le Brésil dépassait la barre des 100 000 morts, Jair Bolsonaro s'offrait ainsi une virée en jet-ski sur le grand lac Paranoá de Brasilia. Deux jours plus tard, il participait à une cérémonie de lever de drapeau, refusant de mettre en berne la bannière nationale, à l'inverse du Congrès et du Tribunal suprême fédéral, en hommage aux morts du Covid-19. ■

B.M.E.

Com a demissão do segundo ministro da Saúde, Nelson Teich – apenas um mês após a exoneração do seu antecessor, Luiz Henrique Mandetta –, a manchete traz a expressão “cada vez mais desarmado” para retratar a imagem do Brasil face ao combate à pandemia do coronavírus. A palavra “**desarmado**” (ANEXO E), atribuída ao setor de saúde em decorrência da falta de equipamentos (leitos, respiradores etc.), e aos profissionais da área de atendimento aos pacientes, remete o leitor à ideia de “guerra”, principalmente se considerarmos os equipamentos como “munições” e os profissionais da saúde como os “soldados”.

Reforçando essa ideia de guerra, a SD “tom voluntariamente apocalíptico”, utilizada para qualificar a forma de falar de Jair Bolsonaro, está relacionada à ideia de caos, de fim, e suscita o medo diante da possibilidade de uma catástrofe – ou o fim dos tempos. O termo “**voluntariamente**” cumpre, então, um papel importante aqui: traz a ideia de que essa fala se dá de modo intencional.

Para “**indiferença grosseira**” (no trato com as vítimas), a simultaneidade dos substantivos “indiferença” e “grosseira” faz emergir a ideia de um descaso exacerbado, em que as tomadas de decisão perante a pandemia passam do limite do aceitável, acentuando a forma desleixada como o presidente da República lida com a pandemia. A SD em questão trás, na memória discursiva, uma matéria de “O popular”⁸, que utiliza do termo para denunciar o descaso do governo para com os professores. No contexto abordado, está relacionado ao momento em que o presidente declara: “*Quer que eu faça o que? Sou messias, mas não faço milagres*”.

Expressões como “**burocracias sem sentido**” e “**práticas obscuras**” pertencem à uma Formação Discursiva que representa certa insensatez por parte do presidente no que diz respeito à governança (à tomada de decisões). Outra expressão curiosa na notícia é “**Jogou a toalha**” – que, da maneira como é utilizada, remete à ideia de alguém que para de se importar ou que desiste de algo, acentuando a forma desleixada como o presidente da República lida com a pandemia.

⁸ <https://opopular.com.br/noticias/opinioao/editorial-1.145048/grosseira-indiferen%C3%A7a-1.2398589>

Le président brésilien a contracté la « grippette »

Après avoir minimisé la gravité du Covid-19, Bolsonaro entend entretenir sa réputation de « mythe » vivant

RIO DE JANEIRO - correspondant

Il a finalement fini par l'attraper. Mardi 7 juillet, Jair Bolsonaro a annoncé avoir été testé positif au Covid-19. Le président brésilien d'extrême droite a annoncé la nouvelle à sa façon : extravagante, inimitable. Pour montrer à tous qu'il était au mieux de sa forme, Jair Bolsonaro n'a pas hésité à retirer son masque et à interpeller la poignée de journalistes présents face à lui à Brasilia. « Comme ça, vous pouvez voir mon visage, constater que je vais bien, que je suis tranquille et en paix ! » a lancé le chef de l'Etat, radieux mais contagieux, face à une presse aussi surprise qu'affolée.

Les premiers signes d'alerte se sont fait sentir dimanche. « Une indisposition, qui s'est aggravée lundi, avec un mal-être, de la fatigue, un peu de douleur musculaire, et une fièvre en fin d'après-midi qui a atteint les 38 °C », a détaillé Jair Bolsonaro dans un tweet, avec de l'aurone, somptueuse résidence des chefs de l'Etat brésiliens. Face à l'aggravation des symptômes, le président a effectué en urgence une tomographie et un test de dépistage du Covid-19. Résultat : positif.

Jamais confiné

Dans un pays sous tension, où le virus a déjà fait plus de 66 000 morts et 1,6 million de malades, les réactions à l'état de santé du président ont été plus que partagées. « Il ne reste plus qu'à lui souhaiter une pleine récupération », a sèchement tweeté l'ex-ministre de la Justice Sergio Moro, aujourd'hui dans l'opposition. Certains sont allés plus loin encore : « Je suis favorable à ce que sa maladie s'aggrave et qu'il en meure », est allé jusqu'à écrire l'éditorialiste Hélio Schwartzman, dans une tribune publiée par la Folha de São Paulo. « Dans l'immédiat, l'absence de Bolsonaro signifierait que nous n'aurions plus [au Brésil] un dirigeant minimisant l'épidémie et sabotant les mesures visant à l'atténuer. Est-ce que ça ne pourrait pas sauver des vies, ça ? », s'interroge le journaliste. Et de conclure : « En mourant, Bolsonaro rendrait un service qu'il a été incapable d'offrir de son vivant ».

Faut-il rappeler le nombre de polémiques lancées par le prési-

dent du Brésil au sujet du Covid-19, cette « grippette », cet évènement « surdimensionné » selon lui ? Depuis quatre mois, Jair Bolsonaro n'a eu de cesse de relativiser la pandémie. Cette semaine encore, il a posé son veto à plusieurs articles d'une loi relative au port du masque dans l'espace public, adoptée par le Congrès. Grâce au président, il sera désormais possible de se rendre sans protection aucune dans les commerces,

usines, églises et même les prisons surpeuplées.

Malgré l'avancée de l'épidémie, le leader d'extrême droite ne s'est jamais confiné. Au contraire : il s'adonne régulièrement à des bains de foule et reçoit du monde. Beaucoup de monde, même : au moins 55 personnalités la semaine dernière, selon le décompte du journal *Estadão*. Autant de politiciens, chefs d'entreprise, ambassadeurs ou prési-

dent de club de foot, parfois âgés, que le chef de l'Etat a rencontrés démasqué, a embrassés ou pris dans ses bras.

« Un messie surhumain »

À 65 ans, Jair Bolsonaro, qui est devenu le quatrième chef d'Etat ou de gouvernement à contracter la maladie – succédant au premier ministre britannique, Boris Johnson, au prince Albert de Monaco et au président du Honduras, Juan Hernandez –, se considère comme un « athlète ». Mais il fait pourtant partie des groupes à risque. Sa santé est jugée fragile : depuis le début de son mandat, il a été victime de malaises et opéré à plusieurs reprises, conséquences du coup de couteau reçu à l'abdomen en 2018 en pleine campagne présidentielle.

À la mi-mars, de fortes ru-meurs, finalement démenties, avaient circulé, laissant croire qu'il était déjà atteint du Covid-19. Exceptionnellement, et

pour une semaine seulement, tous les rendez-vous du chef de l'Etat ont été décommandés. Mais en bon politicien, Jair Bolsonaro ne compte pas rester au lit pour sa convalescence. Tout l'inverse : dès l'annonce de sa maladie, le leader d'extrême droite a montré qu'il souhaitait utiliser à son avantage son état de santé pour électriser un peu plus le pays et pousser ses pions sur l'échiquier brésilien, un ciel sur la présidentielle de 2022.

Pas question de modérer son discours et de suivre l'exemple d'un Boris Johnson. Pour Bolsonaro, la situation appelle au contraire à la fuite en avant. Il s'agit de prouver une bonne fois pour toutes que le Covid-19 n'est qu'une maladie bénigne.

Lors de son allocution, le président a de nouveau comparé le coronavirus à une simple « pluie ». « Je vais parfaitement bien, tout est normal (...), la vie continue », a lancé le chef de l'Etat, ajoutant :

Bolsonaro a reçu récemment, sans masque, 55 personnalités, parfois âgées, qu'il a prises dans ses bras, voire embrassées

« J'aurais même bien envie de faire une petite balade... mais je ne vais pas la faire à cause des recommandations médicales. »

Jair Bolsonaro ambitionne aussi de profiter de la situation pour faire la promotion de son « remède miracle » : l'hydroxychloroquine. Le président, transformé en cobaye d'Etat, a annoncé se soigner grâce au très controversé antipaludéen. « La réaction a été quasi immédiate. Quelques heures plus tard, je me sentais déjà beaucoup mieux », a-t-il affirmé, soutenant sans crainte, ni preuve aucune, que « dans la phase initiale » de la maladie, « les chances de succès de l'hydroxychloroquine atteignent les 100 % ».

« Le fait que j'ai été contaminé montre que je suis un être humain comme un autre », a prétendu le président. En vérité, ce dernier compte bien entretenir sa légende et sa réputation de « mythe » vivant, survivant à un coup de couteau puis à une pandémie mondiale. « Vaincre le Covid-19 sans montrer de symptômes graves peut renforcer l'opinion des partisans radicaux de Bolsonaro qu'il est vraiment un messie surhumain », a ainsi estimé sur les réseaux sociaux Oliver Stuenkel, chercheur à la fondation Getulio Vargas.

D'ores et déjà, le leader d'extrême droite a remporté la bataille médiatique : pour plusieurs semaines, le Brésil vivra suspendu aux bulletins de santé de son président, qui dictera une fois de plus son tempo au pays. « Merci à tous et à dans une semaine », a ainsi lancé en direction des journalistes un Jair Bolsonaro visiblement enchanté en concluant sa conférence de presse. Avant d'ajouter : « Si Dieu le veut. » ■

BRUNO MEYERFELD

Donald Trump formalise son départ de l'OMS

Donald Trump a officiellement lancé, mardi 7 juillet, la procédure de retrait des Etats-Unis de l'Organisation mondiale de la santé (OMS), mettant à exécution ses menaces de quitter l'agence onusienne, qu'il accuse d'avoir tardé à réagir face à la pandémie apparue en Chine. Tandis que 60 000 nouveaux cas ont été dépistés aux Etats-Unis le même jour, sa décision de retirer le plus gros contributeur, à hauteur de 400 millions de dollars (354 millions d'euros) par an, de l'organisation suscite un tollé. Le candidat démocrate à la Maison Blanche, Joe Biden, a assuré qu'il annulerait cette décision s'il était élu le 3 novembre. « Le premier jour de ma présidence, je rejoindrai l'OMS et réaffirmerai notre leadership mondial », a-t-il écrit sur Twitter.

En Australie, les 5 millions d'habitants de Melbourne reconfinés

Le regain de l'épidémie surprend, dans un pays qui avait réussi à la contenir en fermant ses frontières, en confinant et en réalisant des tests

SYDNEY - correspondance

L'Australie, bonne élève dans la lutte contre le Covid-19, fait face à son premier revers de fortune. Mardi 7 juillet, l'Etat de Victoria a enregistré 191 nouveaux cas de coronavirus, le nombre le plus important depuis le début de la pandémie. « Un incendie sanitaire », selon l'expression du premier ministre de l'Etat, Daniel Andrews, qui, pour empêcher le feu de se propager à l'ensemble du territoire, a décidé, le jour même, de reconfiner, pour six semaines, Melbourne, la deuxième plus grande ville du pays avec ses cinq millions d'habitants.

Pour éviter d'en arriver là, son gouvernement avait pourtant déployé les grands moyens. Fin juin, dès que la courbe est repartie à la hausse, alors que, depuis deux mois, les autorités n'enregistraient que quelques cas de transmission communautaire par jour, il a lancé une campagne de

tests massive dans les trois zones les plus touchées de la métropole. Sur le terrain, huit cents travailleurs médicaux, secondés par des soldats chargés de la logistique, ont fait du porte-à-porte pour prélever plusieurs dizaines de milliers d'échantillons.

Ne parvenant pas à enrayer la progression, l'exécutif a ensuite ordonné, mardi 30 juin, le reconfinement, pour un mois, de 37 quartiers du nord et de l'ouest de la ville, soit quelque 300 000 personnes. Enfin, franchissant une nouvelle étape, le 4 juillet, il a assigné à résidence et sans préavis les 3 000 habitants de neuf tours de logements sociaux où des foyers de contamination avaient été découverts. Les familles concernées, dont beaucoup de réfugiés originaires de la Corne de l'Afrique, l'ont appris en voyant arriver, au pied de leurs immeubles, des centaines de policiers. « C'est pour votre protection », ont martelé les autorités, qui ont entrepris de tester tous les

habitants de ces bâtiments comparés à des « bateaux de croisière verticaux ». Un message qui a eu du mal à passer auprès des résidents, stupéfaits de se retrouver « emprisonnés » et ce sans même avoir eu le temps d'acheter des produits de première nécessité.

« La seule option »

Ces mesures extraordinaires n'ont pas suffi à arrêter le virus, qui a continué à se propager de quartier en quartier. « On est arrivé à un point où il y avait trop de cas pour pouvoir faire baisser la courbe uniquement en testant et en recherchant les contacts des individus malades afin de les isoler. La seule option qui restait était celle d'un reconfinement », explique Gerry Fitzgerald, professeur de santé publique dans le Queensland. Les Melbourneis, à partir du mercredi 9 juillet au matin, ne sont autorisés à sortir de chez eux que pour aller travailler, faire des courses ou du sport. Une dégradation rapide de la situation

qui a surpris l'Australie. Jusque-là, elle avait réussi à contenir l'épidémie grâce à une fermeture rapide de ses frontières à tous les étrangers, à des mesures de confinement et à la multiplication des tests de dépistage. Depuis le début de la pandémie, elle n'a enregistré que 8 551 cas et 106 morts.

Cette deuxième vague, qui promet déjà de déferler plus violemment que la première, a démarré dans des hôtels où sont systématiquement placés en quarantaine, pour quatorze jours, les Australiens de retour de l'étranger. Paradoxalement, ce sont ceux qui étaient chargés de leur surveillance, des gardes de sécurité, qui ont transmis le coronavirus. Tandis que l'Etat de Nouvelle-Galles du Sud avait placé des policiers aux commandes du dispositif, l'Etat de Victoria avait fait confiance à des entreprises privées.

Selon les témoignages d'employés recueillis par les médias locaux, certaines d'entre elles n'auraient pas pris le temps de

Cette deuxième vague a démarré dans les hôtels où sont placés en quarantaine les Australiens de retour de l'étranger

former leur personnel aux protocoles sanitaires élémentaires et leur auraient fourni un équipement minimal. Plusieurs dizaines de gardes ont été infectés, contaminant ensuite leurs proches. Contrairement au premier pic, qui avait essentiellement touché les quartiers les plus favorisés de la métropole, ce sont, cette fois, les plus déshérités qui se retrouvent au cœur de la tempête. Le gouvernement du Victoria, vivement critiqué pour ce qui a été surnommé « la débâcle des hôtels », a diligenté une enquête.

Dans l'immédiat, les autres Etats, pour l'instant épargnés et qui poursuivent leur déconfinement, ont pris des mesures pour protéger leurs citoyens. Dernier en date, Nouvelle-Galles du Sud, Etat le plus peuplé du pays, qui s'est finalement résolu, tardivement selon plusieurs experts qui redoutent une contagion, à fermer ses frontières avec son voisin, le 7 juillet au matin. Ne donnant pas dans la le-mesure, il a expédié des centaines de policiers et de soldats, équipés de drones, aux 55 points de passage. Toute personne entrée illégalement sur son territoire s'expose à une amende de 11 000 dollars australiens (6 750 euros) et à six mois de prison.

Naviguant aujourd'hui en territoire inconnu, l'Australie, qui avait toujours dit s'attendre à de nouveaux pics, regarde désolée du côté de ses voisins asiatiques, qui sont parvenus à juguler des secondes vagues, espérant suivre leur exemple. ■

ISABELLE DELLERA

“**O presidente brasileiro contraiu a gripezinha**” é uma manchete que faz analogia à fala de Jair Bolsonaro quando minimizou a Covid-19. A ironia se dá exatamente porque, após desprezar a ação do vírus, ele próprio acabou por contraí-lo.

Na legenda, aparece novamente a palavra “**minimizar**” (ANEXO F), revelando o negacionismo do presidente em relação ao Coronavírus, seguida da sentença “**pretende manter sua reputação de mito viva**”. Nesse ponto, faz-se uma analogia à forma como o presidente é chamado por seus eleitores (mito), especialmente após sobreviver a um golpe de faca na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. No contexto da pandemia, os seguidores de Bolsonaro celebram o fato de que, além de sobreviver ao golpe de faca, ele tenha sobrevivido à Covid-19, que já matava milhares de pessoas no mundo inteiro.

A notícia define o presidente como alguém que age de “**maneira extravagante e inimitável**”, no sentido literal de “**fora do comum**” e “**inabitual**” – uma abordagem claramente negativa.

A matéria utiliza, também, um termo curioso: “**messias sobre-humano**”. O Messias é o sobrenome do presidente, mas também carrega a representação de um “**profeta**” quando se recorre à Bíblia. Importante lembrar que o presidente da República, embora tenha se declarado católico, também é adepto e frequentador das igrejas evangélicas. Toda essa imagem é fortalecida com o termo “**sobre-humano**”. Nesse sentido, pode-se trazer a ideia da recuperação do presidente do coronavírus e da facada “no sobre-humano”,

A expressão “**cobaia do estado**”, aqui, também é precisa: o termo “cobaia” aparece no sentido literal: um ser utilizado para experimentos científicos, visto que Bolsonaro afirmou que foi curado graças ao uso da cloroquina, ainda não comprovada cientificamente como cura para o vírus.

Desta forma, o quadro nos ajuda a entender que a cobertura do jornal *Le Monde*, sobre a pandemia do coronavírus no Brasil, foi marcada por estratégias discursivas destinadas principalmente à denunciar a irresponsabilidade e insensatez de Jair Bolsonaro como presidente de um país onde mais de meio milhão de pessoas morreram com Covid-19.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das formações discursivas nas edições impressas do jornal *Le Monde*, foi possível observar que o discurso construído pelo periódico reflete uma impressão bastante negativa da figura do presidente Jair Bolsonaro, e também de sua gestão governamental. As estratégias discursivas identificadas carregam conotações muitas vezes pejorativas, e que, em grande medida, dizem respeito às relações históricas e sociais estabelecidas entre o governo francês e o governo brasileiro com o passar dos anos, até o momento presente.

No quadro analítico, é possível perceber que o jornal francês utiliza frequentemente o tom de denúncia quando se trata do Brasil, assim como um tom de advertência quando acentua o caráter irresponsável das ações do presidente da República, tal como evidencia, por exemplo, o trecho “*Luiz Henrique Mandetta defendia as recomendações da OMS e o presidente, ele, não parava de minimizar a pandemia*”. Nesse ponto, é possível perceber que o sentido produzido reforça a ideia de que o presidente não só negligencia a gravidade da doença, mas também ignora as recomendações de um organismo especializado, indo contra as providências adotadas por quase todos os outros governos – em especial o da França, onde o presidente rapidamente seguiu os regulamentos estabelecidos pela OMS e implantou diferentes medidas de prevenção e combate à pandemia.

No que diz respeito ao Brasil, o discurso produzido reflete um país desamparado, uma vítima do desgoverno. Outro exemplo, para ilustrar esse aspecto, é o trecho “*O Brasil cada vez mais desarmado diante do coronavírus*” – que evidencia como o Brasil estaria sofrendo em função da postura negligente do governo, mais especificamente do presidente da República. Os enunciados encontrados nos textos publicados demonstram um Brasil mártir em decorrência dessa omissão, trazendo o sentido de que o país encontra-se de fato sob ataque, e sem proteção.

A ideia de realizar essa pesquisa surgiu devido a uma série de questões suscitadas durante a leitura cotidiana do jornal *Le Monde*. Comecei a perceber que, com a chegada do coronavírus, as pautas tenderam a se voltar para a publicação de notícias acerca da doença em nível nacional, mas também em nível internacional – onde artigos, notícias, reportagens e colunas publicadas assumiam um tom crítico para denunciar e/ou aclamar as tomadas de decisões de diferentes governos.

A partir desse mesmo exercício de leitura, pude perceber que determinados padrões se reproduziam nas notícias quando o nome “Brasil” ou “Bolsonaro” eram mencionados. Os

enunciados aparecem marcados por imagens de caos, desordem, irresponsabilidade e descuido – o que me estimulou a examinar essas abordagens de forma mais profunda. Assim, optei por analisar como esses discursos eram produzidos, e o porquê de serem produzidos dessa maneira. Queria entender se havia uma correlação entre a linha editorial do jornal, de esquerda, que poderia se opor ao posicionamento político de um governo de extrema direita, e ou se esses discursos foram produzidos apenas em decorrência das ações do presidente em relação à pandemia no país.

Diferentes métodos poderiam ser utilizados para realizar essa pesquisa, mas escolhi a Análise de Discurso por acreditar que o ponto mais interessante dessa análise não resulta somente do caráter semântico dos vocábulos e das construções textuais trabalhadas, mas da possibilidade de se estabelecer uma relação entre a história, o contexto e as ideologias presentes na relação entre os dois países. Além disso, era preciso, para entender o porquê da utilização de certos arranjos operadores, observar o contexto no qual as notícias foram escritas, assim como estudar os sujeitos (Brasil e Bolsonaro) inseridos nele.

Nesse sentido, pude observar como as decisões do presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia – bem como suas passagens conturbadas por entrevistas e conferências de imprensa – corroboraram para a validação e construção de sua imagem negativa no *Le Monde*. A análise evidencia, ainda, a influência da crise diplomática entre o Brasil e a França que, já em 2019, contribuíam para dificultar a relação entre os dois chefes de Estado, Jair Bolsonaro e Emmanuel Macron.

Ao ler as edições selecionadas, especulei sobre como o posicionamento político do jornal – com sua linha editorial marcada pelo pensamento da centro-esquerda – poderia influenciar os discursos trabalhados a partir das atitudes e do pensamento de Jair Bolsonaro, um agente político mergulhado na extrema direita. Com a pesquisa, pude compreender melhor a maneira como a linha editorial influencia a forma como as notícias são construídas. A intenção de se imprimir um tom de advertência e de denúncia em relação ao Brasil e ao seu presidente fica evidente a partir da escolha de cada vocábulo e dos arranjos operadores nesse processo de construção. As condições de cada enunciação, evidenciada pela Análise do Discurso, também ficam claras quando se observa as ações (no aqui e no agora) adotadas por Jair Bolsonaro, especialmente em relação à displicência diante da necessidade de medidas de prevenção e de combate à pandemia. As condições de produção ampla também demonstram como são evocadas as memórias discursivas ativadas pela figura do presidente brasileiro.

A partir deste trabalho, pude refletir sobre a importância do pensamento crítico, principalmente em relação à leitura de notícias, uma vez que estamos inseridos, atualmente, em um cenário repleto de *fake-news*. Nesse período, é importante saber avaliar as informações que estamos recebendo dos veículos de comunicação, a fim de assegurar uma real compreensão dos cenários complexos que se desenrolam. Entender, a partir dessa pesquisa, a função da linha editorial, e como ela pode, sim, modelar a forma como os fatos são apresentados, foi um ganho. Além disso, esse estudo me permitiu verificar todas as informações trabalhadas dentro de um espectro mais amplo, que engloba o contexto, a história e as ideologias – o que me parece essencial não somente para os estudantes de jornalismo, mas para todas as pessoas.

Por fim, quero ressaltar que realizar essa pesquisa nesse contexto em que, devido à pandemia do coronavírus, tivemos que estudar mais de dois anos no modo online, foi extremamente importante para perceber o potencial e as bases dos jornalismo nos processos de produção da informação. Esse trabalho me mostrou que, após quatro anos de estudos na Universidade Federal de Ouro Preto, tornei-me alguém com condições de integrar o mercado de trabalho, mas também de realizar reflexões importantes sobre o mundo em que vivo e a sociedade que me envolve.

REFERÊNCIAS

BOUCIER, Nicolas. ; MEYERFELD, Bruno. No Le Monde. “Apelo a Macron: chame o G20. Ligue para Joe Biden, Xi Jinping, Vladimir Putin e o resto! Estamos em guerra. **Focus** – Fundação Perseu Abramo, v.2, p.10, 2021. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Focus02.pdf/>> Acesso em: 23 mai. 2022.

BRANDÃO, Helena. **Introdução a Análise do Discurso**. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2004.

_____. **Enunciação e construção do sentido**. in FIGARO, Rosali (org.) Comunicação e Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2012.

DANTAS, Daniel. **A argumentação como elemento discursivo na mídia digital: um estudo sobre o blog “Fatos e dados”**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Natal, 2012.

FERNANDES, Adélia. **O contrato e as estratégias discursivas da primeira página dos jornais Folha de S. Paulo e Le Monde**. Orientadora: Machado, I. 2011. 317 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2011.

GARCIA, Tirza. Myga – **Análise do Discurso Francesa: Uma introdução nada irônica**. WORKING PARRAS EM LINGÜÍSTICA, UFSC N.7 2003

JUHEM, Philippe. Alternances politiques et transformations du champ de l’information en France après 1981. **Politix**, v.14(56), p. 185-208, 2001. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/polix_0295-2319_2001_num_14_56_1195
Acesso em: 20 set. 2021

LAGE, Nilson. Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuído aos jornalistas. **Revista Pauta Geral- Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa vol.1, nº1 p.20-25, Jan/Jul, 2014.

MARQUES, Francisco; MONT’ALVERNE, Camila. Opinião da empresa no jornalismo brasileiro: um estudo sobre a função e a influência política dos editoriais. **Estudos sobre o jornalismo político** - Revista Acadêmica Semestral Programa de Pós-Graduação em Jornalismo Universidade Federal de Santa Catarina, v.2, p. 121-137, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/19846924.2015v12n1p121/29591>> Acesso em: 13 abril. 2022.

MOLINA, Matias M. A influência permanece. **Observatório da Imprensa online**, 23 de dezembro de 2014. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/ed830-a-influencia-permanece/> . Acesso: 19 mai 2022.

MORAIS, Érika. Le Monde e a cobertura internacional sobre o Brasil: entrevista com Franck Nouchi, médiateur Le Monde. **Intercom- Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v.41, n.1, p.199-208, 2018. Disponível em:

</https://www.scielo.br/j/interc/a/zMhkrNy79yZCgj4PjL5RQsQ/?lang=pt/> Acesso em: 22.mai. 2022

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PAIXÃO, Patrícia . Linha Editorial no Jornalismo Brasileiro: Conceito, Gênese e Contradições entre a teoria e a prática. **Revista Alterjor**, São Paulo, vo.1., nº17, jan/jun, 2018.

SANTOS, Giovani; SANTOS, Susana. A mídia e os interesses Políticos e Econômicos: o jornalismo como elo entre a sociedade e a informação. **Revista do Jornalismo Brasileiro**, São Paulo, vo.1, nº15, jan/jul, 2012. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/fotos/PDF/politico.pdf> Acesso em: 10 de set. de 2021

SOARES, Murilo. César. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 272 p. ISBN 978-85-7983-018-1. Available from SciELO Books

SOARES, Maíra Ferreira Valladares. **A identidade do brasileiro segundo o Le Monde Diplomatique** Brasil. 2010. 144 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/89368> Acesso em: 20 set 2021

TAVARES, Lenonardo. Pereira; OLIVEIRA Jr, Francisco. Lima & MAGALHÃES, Marina. (2020). Analysis of President Jair Bolsonaro's speeches in the midst of the pandemic: is the coronavirus just a “little flu”? **Research, Society and Development**, vo.9., nº7, p. 1-19. Jun, 2020. Disponível em:<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4469> Acesso em: 20 de out. de 2021

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**, Florianópolis. 2. ed., 224, p. 2005.

VARÃO, Rafiza; FERREIRA, Fernanda. Jornalismo como instância de confiabilidade de informações durante a pandemia da Covid-19. *In: Jornalismo em tempos da pandemia do coronavírus*. Oliveira, H; Gadini, S. 1ªedição – Aveiro: Ria Editorial, 2020, p.373-393

APÊNDICE A – QUADRO ANALÍTICO EM FRANCÊS

ÉDITION	TITRE	LÉGENDE	OPÉRATEURS DE MOTS ET D'ARRANGEMENTS
29.03.2020	Brésil: Le président, les militaires et l'astrologue	Grands ministères, services de santé, recherche spatiale...les militaires occupent les postes stratégiques du pays après avoir fait élire Jair Bolsonaro en 2018. Mais, depuis lors, le chef de l'État, sous l'influence d'un « gourou », s'affranchit de leur tutelle	Caserne; petite capitaine Bolsonaro; carrière médiocre ; incarnation du mauvais exemple ; champion du camp anti-commission ; grandes gueules ; rêves d'accession au pouvoir ; bat sa couple ; nier la gravité du coronavirus ; rabiochage avec les hautes gradés ;
18.04.2020	Au Brésil, Jair Bolsonaro limoge son ministre de la santé	Luis Henrique Mandetta défendait les préconisations de l'OMS. Le président, lui, n'a cessé de minimiser la pandémie	N'a cessé de minimiser la pandémie ; coup de tonnerre ; guerre froide ; coronaseptique ; coronalarmiste ; prend des bains de foule ; travail d'équilibriste ; renvoi brutal
25.04.2020	Au Brésil « nous sommes à la limite de la barbarie »	L'épidémie, qualifiée de « petite grippe » par Jair Bolsonaro, s'aggrave	Mais qui croit encore aux chiffres officiels ?; la fédération est frappée ; c'est la chasse au lit ; la course aux ventilateurs ; Le Brésil est à nu ; mépris des règles sanitaires ; Capitaine Corona ; brutalement démis ; Faut-il s'attendre à une tragédie ?
27.04.2020	Au Brésil, la démission de Sergio Moro fragilise le pouvoir	Les accusations de l'ancien juge pourraient justifier en « impeachment »	Plongé dans une grave crise politique ; fragilise le pouvoir ; discours pour le moins confus ; amoureux déçu ; lutte chaotique contre la pandémie ; est-ce que le début d'une hémorragie ?
19.05.2020	Le Brésil de plus en plus désarmé face au coronavirus	La pandémie, minimisée par le président, a tué au moins 16 000 personnes, d'après le dernier bilan	Jeté l'éponge; emprêté dans une crise politique ; se voulant champion des chômeurs et des petites patons ; ton volontiers apocalyptique ; naturellement joint la parole aux actes ; ne s'est pas privé d'afficher son grand

			mépris pour la pandémie ; son indifférence crasse à l'égard des victimes ;
09.07.2020	Le président brésilien a contracté la « grippe »	Après avoir minimisé la gravité du Covid-19, Bolsonaro entend entretenir sa réputation de « mythe » vivant	Il a finalement fini pour l'attraper ; sa façon : extravagante, inimitable ; n'a eu de cesse de relativiser la pandémie ; un messie surhumain ; suivre l'exemple d'un Boris Johnson ; transformé en cobaye d'État

